

Dá gosto ver que em pleno século XXI, no Brasil, ainda se apresentem defensores da tese do gramático e historiador quinhentista, Pero de Magalhães de Gândavo — de que a nossa língua não é inferior a nenhuma outra —, e o façam habilmente, sem confessá-lo, pela organização de uma antologia de poemas, privilegiando, pois, a linguagem poética, enquanto que Gândavo propunha uma lista de poetas e prosadores.

A idéia partiu de Sheila Moura Hue, que, desde a elaboração da sua tese de Doutorado sobre a recepção quinhentista d' *Os Lusíadas*, se move muito à vontade entre os poetas desse século; feita a seleção, ampla, expressiva, variada, que ela explica e justifica de modo claro e inteligente, na Introdução, procedeu à fixação do texto, a partir do estabelecimento de sérios critérios ortográficos e de pontuação; para esta tarefa difícil, de árdua responsabilidade, contou com a experiência de Maurício Matos, já comprovada em trabalhos anteriores. Resultado: uma rica coletânea de textos desconhecidos, ou quase, por leigos e mesmo especialistas, nos quais o leitor tem a oportunidade de se avizinhar do longínquo século XVI, descobrindo que nele não há apenas Camões, mas uma plêiade de poetas, alguns dos quais quase atingem a sua estatura.

Cleonice Berardinelli

ANTOLOGIA DE POESIA PORTUGUESA SÉCULO XVI

CAMÕES ENTRE SEUS CONTEMPORÂNEOS

ANTOLOGIA DE POESIA PORTUGUESA
– SÉCULO XVI –



CAMÕES ENTRE SEUS CONTEMPORÂNEOS

Organização

Sheila Moura Hue

Fixação do texto

Mauricio Matos

2ª edição

7 LETRAS]

Copyright©2004 Sheila Moura Hue

Transcrições e pesquisa

Fabiana Pinho
Izabela Leal

Revisão de originais

Pedro Sette-Câmara

Capa

Ana Paula Brandão

Ilustrações de capa

Portada das *Rimas* de Camões de 1598 e marca do impressor Joan Jofré

Agradecimentos

Berty Biron, Cleonice Berardinelli, Eduardo Coelho, Gilda Santos, Lara Leal, Maria Eugenia Lamoglia, Marcia Arruda Franco, Marcello Moreira, Mauro de Salles Villar, Tiago Moraes, Vanda Anastácio, CAPES

Esta antologia é produto da pesquisa *Os textos esquecidos da Literatura Portuguesa: a produção à margem do cânone*, realizada pelo Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas da Faculdade de Letras da UFRJ, com o apoio do ProDoc – CAPES.

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ.

A637

Antologia de poesia portuguesa, século XVI: Camões entre seus contemporâneos / organização Sheila Moura Hue. 2 ed. Rio de Janeiro : 7Letras, 2007.

Contém dados biográficos
Inclui bibliografia
ISBN 978-85-7577-421-2

1. Poesia portuguesa - Século XVI. 2. Antologias (Poesia portuguesa). 3. Poetas portugueses - Século XVI. I. Hue, Sheila Moura.

04-3365. CDD 869.1008
CDU 821.134.3-1(082)

Viveiros de Castro Editora Ltda. (21) 2540-0076
R. Jardim Botânico 600 sl. 307 www.7letras.com.br
Rio de Janeiro RJ CEP 22461-000 editora@7letras.com.br

*Este livro é dedicado a
Cleonice Berardinelli*

SUMÁRIO

Introdução	9
Critérios empregados nesta edição	17
ANTOLOGIA	
I – AMOR	21
Reflexos de Laura	23
Contra o modelo petrarquista	26
Os contrários do amor	27
Amor pela passiva	32
Amor pela ativa	38
II – IMITAÇÃO	45
Horas breves de meu contentamento	55
Sobre a imitação	60
III – NA CORTE	61
IV – OS TRISTES	95
V – DEDICATÓRIAS E LOUVORES	109
VI – INIMIGO DE MIM	117
VII – DEVOTOS	125
VIII – CRÍTICOS	129
IX – SATÍRICOS	135
X – UMA CORRESPONDÊNCIA POÉTICA	143
Biografias	159
Glossário	164
Bibliografia	167
Índice de primeiros versos	171
Índice de autores	175

INTRODUÇÃO

Em 1574, no *Diálogo em defesa da língua portuguesa*,¹ Pero de Magalhães de Gândavo lista o que seria, para ele, o cânone dos escritores de sua época, aqueles que comprovariam a tese de que a nossa língua não seria inferior a nenhuma outra. Nesta lista dos melhores de seu tempo, Gândavo inclui Francisco Sá de Miranda, João de Barros, frei Heitor Pinto, Lourenço de Cáceres, Francisco de Moraes, Jorge Ferreira, Antônio Pinto, Luís de Camões, Diogo Bernardes, Antônio Ferreira e André de Resende.

Este seria o primeiro cânone registrado da literatura portuguesa.² Nele não estavam incluídos, talvez por motivos políticos, dois poetas muito valorizados na época: Jerônimo Corte Real e Pero de Andrade Caminha. A inclusão ou não-inclusão de um autor em uma lista canônica estará sempre relacionada a uma série de variáveis atuantes em cada época específica de elaboração do cânone. Gândavo exprimia no *Diálogo em defesa* uma opinião pessoal, para comprovar uma tese nacional: a superioridade da língua portuguesa num momento de grande influência do castelhano.

Dos 11 nomes de Gândavo, hoje, nos estudos de literatura portuguesa no Brasil, cinco ainda permanecem, e quatro estão aqui presentes nesta antologia. Esse primeiro cânone de Gândavo refletia suas preferências e os expoentes de uma época. Pouco mais de quatrocentos anos depois, o cânone literário pode ser entendido ou percebido por vários diferentes ângulos. Cânone poderia ser 1) o que está registrado nas Histórias da Literatura, levando em consideração os juízos de valor emitidos, que hierarquizam os autores, 2) o que está sendo efetivamente estudado nos colégios e nas universidades, o cânone em seu processo de transmissão, vivo na sociedade, 3) o que está sendo publicado e lido em nossa contemporaneidade, num exercício do cânone que se dá fora das instituições de ensino, 4) o cânone que se transmitiu através dos séculos, como os cinco da lista de Gândavo; ou 5) uma resultante da relação entre essas quatro variáveis.

Esta antologia procura dar a conhecer uma mostra de poetas portugueses do século XVI que, por uma série de motivos, não figurariam no cânone da Literatura Portuguesa, ou melhor, no cânone vigente no Brasil nestes primeiros anos do século XXI.

Levando em conta a acentuada inclinação para os estudos de literatura contemporânea (século XX) e pela pouca penetração na sociedade brasileira da literatura produzida em Portugal no século XVI, incluíram-se também nesta antologia alguns poemas de autores canônicos, como Luís de Camões, Sá de Miranda, Bernardim Ribeiro e Diogo Bernardes. Esta inclusão tem um segundo objetivo: a intenção de pôr em diálogo poetas canônicos e não-canônicos, de modo a proporcionar um panorama mais amplo da poesia portuguesa da época.

Uma antologia, de todo modo, é sempre uma reunião de flores, um florilégio, um escolhido entre os melhores. Diogo Bernardes pretendeu, na década de 1580, fazer uma antologia da poesia de seus contemporâneos, como diz numa carta a Gaspar de Sousa: “de juntar os bons versos vos prometo/dos poetas insignes lusitanos/aprovados por Febo, em seu decreto”.³ A intenção, que dependia do mecenato de Gaspar de Sousa e de “coas musas em ócio recolher-me”, não foi concretizada. Bernardes não nos deixou a sua antologia, que certamente incluiria, como diz em outra de suas cartas,⁴ Francisco de Sá de Miranda, João Rodrigues de Sá de Meneses, Francisco de Sá de Meneses, Antônio Ferreira, Antônio de Castilho, Pero de Andrade Caminha, Francisco de Andrade e Simão da Silveira.

Destes escolhidos por Bernardes no século XVI, quatro estão presentes nesta antologia. Canônicos ou não-canônicos, os poemas aqui reunidos pretendem apresentar-se como uma boa amostra da poesia da época. Antologias estão sempre relacionadas a uma certa arbitrariedade: arbitrariedade na escolha dos textos, arbitrariedade em sua organização, na seleção dos autores, etc. De um modo geral, as antologias organizam-se por épocas, autores, gêneros ou matérias. A nossa divisão em matérias procura mostrar os vários níveis em que poesia e sociedade interagiam em Portugal no século XVI, procurando pôr em destaque a poesia como modo de expressão de uma época e de uma sociedade: evidenciando tanto os seus fins comunicacionais cotidianos como o seu caráter de veículo de reflexão sobre os principais temas e questões da época.

A poesia para os contemporâneos de Camões não era exatamente o que é a poesia para os nossos contemporâneos. No século XVI, era preponderante a performance oral, levando a uma transmissão oral, que convivía com a circulação manuscrita, visto que foi só na década de 1590 que a poesia lírica dos contemporâneos de Camões começou a ser publicada em livro impresso. A poesia lida em voz alta, ou cantada, na corte era um privilegiado meio de expressão e de comunicação para a sociedade letrada da época. Numa época em

que os meios de comunicação resumiam-se a papéis manuscritos e a ainda poucos livros impressos, a poesia lida oralmente e transmitida em papéis soltos e em cancioneiros era um veículo de comunicação amplamente usado com as mais variadas finalidades. A poesia, na sociedade, se prestava ao elogio de damas de alta e baixa classe, a críticas pessoais, a comentários sobre os costumes e os problemas sociais e políticos, à adulação do padre responsável pela censura aos livros, a elogios mútuos entre poetas, a pedidos de mecenato, a pedidos prosaicos (como o envio de cães de caça), a pedidos de ajuda financeira ou de soltura da prisão, e à permuta de poemas por facas, tecidos e galinhas. Discutiam-se em versos questões pessoais, sociais e nacionais, em epístolas, sátiras, odes, elegias, trovas, epigramas, sonetos. Foi uma época de muitos (bons e maus) poetas, como observa Bernardes em uma de suas cartas.⁵ A vida na corte exigia alguns versos para serem ditos, como os que Martim Afonso de Sousa – donatário da capitania de São Vicente e capitão dos mares da Índia – fez, sobre certa dama, num certame de que participaram vários cortesãos.⁶ Outro testemunho da forte presença da poesia na corte portuguesa é o cancionero chamado de *Corte e Magnates*, em que ficou registrada parte desse *corpus* poético aristocrático. Alguns tantos (maus) poetas cortesãos contavam com a orientação e o copidesque de poetas de fato, como Diogo Bernardes que, em outra de suas cartas, queixa-se dos muitos que lhe pediam correções e emendas:

Outros se querem cá servir de mim
em dar sentido a versos, se são versos
os conjuros de Circe, ou de Merlim.

[...]

Um quer que lhe responda a um frio mote
Diz outro que lhe glose uma cantiga
Mais confusa que a torre de Nembrote.

[...]

E o que sobre tudo mais me ofende
É tratar com poetas que me pedem
Que suas obras veja, e lhas emende.

Que mude ou risque os versos que procedem
Sem arte, e sem medida, livremente,
Que poder para tudo me concedem.⁷

[...]

Essa expressão de sociabilidade da poesia da época foi a diretriz de uma das seções desta antologia, *Na corte*, onde se reuniu a chamada poesia de circunstância e ainda outras geradas por relações interpessoais. Nela temos alguns poemas que Vasco Mousinho, jovem estudante de direito da Universidade de Coimbra, escreve para o reitor, confessando-se desorientado; temos alguns exemplos das trocas de poemas, tão comuns entre os poetas, como o que Pero de Andrade Caminha escreve censurando João Lopes Leitão (em prisão domiciliar por ter espionado as damas “contra a vontade do porteiro”); temos os poemas em que André Falcão de Resende, escrevendo em próprio nome ou em nome de um fidalgo, pede a uma personagem importante que interceda a seu favor junto a Felipe II, ou ainda os dramáticos pedidos de ajuda versificados que Heitor da Silveira e seu amigo Luís de Camões fazem ao Vice-Rei da Índia. Ilustrando os meandros da censura aos livros impressos e manuscritos comandada pela Santa Inquisição, temos dois poemas em que Andrade Caminha e André Falcão procuram elogiar (e manter-se em boas relações com) o mais ativo censor da época, frei Bartolomeu Ferreira. Numa esfera mais prosaica e cortesã, as trovas em que Luís de Camões cobra uma camisa galante de um fidalgo que a prometera, ou os poemas que são enviados juntamente com presentes, tais como alfinetes, trovas para cantar, livros manuscritos ou mesmo, já numa paródia a tais mensagens versificadas, poemas que acompanham alcachofras.

A poesia como veículo de expressão para questões sociais, culturais e políticas está representada nas seções *Na corte*, *Dedicatórias e Louvores*, *Críticas*, e também na seção *Uma correspondência poética*, em que as epístolas trocadas entre os dois jovens poetas e cunhados André Falcão de Resende – em Portugal – e Heitor da Silveira – na Índia – deixam ver o aspecto interpessoal e o social; nelas Heitor da Silveira registra a crítica mais radical e iconoclasta ao expansionismo português e à corrupção dos portugueses na Índia: “Cruel Gama, cruel, que tantos danos ao lusitano dás”.

Na seção *Satíricos*, procurou-se expor uma vertente pouco abordada da poesia portuguesa quinhentista: a humorística. Foram selecionados extratos de longos poemas, como a “Sátira ao amor” de Fernão Rodrigues Lobo Soropita e como a divertida *Paródia ao canto I de Os Lusíadas*. Essa pouco conhecida paródia, escrita por quatro estudantes de Teologia em Évora, e divulgada em 1589, em cópias manuscritas, com o título *Festas Bacchanaes: conversão do primeiro canto dos Lusíadas do grande Luiz de Camões vertidos do humano em o de-vinho por uns caprichosos*, teve, em sua época, boa repercus-

são e mereceu um entusiasmado comentário do jesuíta espanhol Padre Ferrer: “falando-se nela, costumava dizer que era a melhor obra que nunca saíra nem ele vira, se não fosse tão suja.”⁸

Se os quatro estudantes de teologia de Évora preferiram converter um poema ao *de-vinho* – e não *ao divino* como seria de esperar –, muitos outros de seus confrades optaram pela musa divina, e repudiaram a musa profana dos poetas petrarquistas. Numa antologia de poesia do século XVI português, período em que a Igreja exerceu tremenda influência (veja-se a dura censura à circulação de manuscritos e à impressão de livros imposta pela Santa Inquisição), não poderia faltar a poesia religiosa, aqui representada por alguns de seus expoentes, como frei Agostinho da Cruz e frei Baltazar Estaço.

Nas seções *Amor*, *Os tristes*, *Inimigo de mim* e *Imitação*, o diálogo entre os poemas busca pôr em evidência uma das principais características formadoras da poesia portuguesa do século XVI: a imitação. Na base do fazer poético estava não o parâmetro moderno de originalidade, mas o bem imitar os modelos. Esses modelos, para os contemporâneos de Camões, eram os autores latinos, como Virgílio e Horácio, e também Petrarca, e alguns poetas muito recentes, como Sanazzaro, Bembo, Ariosto, os espanhóis Boscán e Garcilaso, além de alguns de seus próprios contemporâneos portugueses, já tidos como modelares, como Antônio Ferreira.⁹ Além da imitação dos modelos clássicos ou contemporâneos, havia a imitação dos confrades, como mostram as várias versões do soneto “Horas breves de meu contentamento”. Encontram-se, desta forma, vários níveis de imitação: dos modelos clássicos, dos renascentistas estrangeiros, dos contemporâneos portugueses e de alguns bons poemas e poetas lidos, declamados e copiados em cancioneiros e papéis avulsos.

A seção *Amor* reúne poemas em torno de um dos grandes temas da poesia portuguesa da segunda metade do século XVI, explorado em suas mais variadas vertentes. Os poemas de nítida filiação petrarquista – Petrarca era o grande modelo dos sonetos amorosos – estão sob a rubrica *Reflexos de Laura*. A dialética amorosa que permeia tantos poemas está representada na subseção *Os contrários do amor*. E, seguindo uma distinção feita por Luís de Camões no auto do *Filodemo*¹⁰ – uma de suas três peças teatrais –, incluiu-se, ainda na seção *Amor*, dois subtemas: o *Amor pela passiva*, petrarquista e cortês, em que a mulher amada é um objeto distante e inacessível e o sentimento amoroso é mais intelectual que carnal, e o *Amor pela ativa*, aquele em que o poeta deseja ardentemente a mulher amada.

Alguns grandes temas da lírica portuguesa da época foram privilegiados na seção *Os tristes*, em que o sentimento geralmente associado à poesia

camoniana se mostra em outros poetas de sua geração, evidenciando a “moda da tristeza”¹¹ que animava (ou desanimava) aqueles tempos; e na seção *Inimigo de mim*, na qual podemos observar a repercussão dos poemas modelares de Bernardim Ribeiro e Francisco Sá de Miranda na poesia portuguesa quinhentista. Nessa época de “apagada e vil tristeza”, como sintetiza Camões em *Os Lusíadas*, muitos poetas escreveram em verso sobre questões sociais e políticas ou, mais exatamente, sobre as injustiças sociais e políticas, e procuramos dar alguns exemplos dessa poesia na seção *Críticos*.

Há, obviamente, uma porosidade entre as seções: alguns poemas presentes em *Imitação*, como as redondilhas, poderiam estar em *Na corte*, e alguns que estão em *Na corte* poderiam ter sido incluídos em *Crítica social*, e assim por diante. As seções são núcleos que pretendem agregar poemas afins, não ignorando a existência dos vários temas presentes em cada poema, ou em cada nível de leitura do poema.

Procuramos, sempre que possível, não cortar os poemas extensos, e mantê-los na íntegra – o caso das longas epístolas de Baltazar Estação e André Falcão de Resende. Há algumas exceções, poemas extraídos de obras extensas, como *Menina e moça*, de Bernardim Ribeiro, além de extratos de poemas excessivamente longos – como a *Paródia ao canto I de Os Lusíadas* – que não caberiam integralmente nesta Antologia; os cortes estão indicados com [...].

Os poemas foram selecionados, quase sempre, segundo o critério de antigüidade, em cancionários manuscritos e em impressos quinhentistas ou seiscentistas¹² e, em alguns casos – enumerados a seguir –, quando se verificava a inexistência, ilegibilidade ou dificuldade de acesso às fontes quinhentistas, os poemas foram transcritos de edições modernas; para a obra de Pero de Andrade Caminha nos servimos das lições da edição de Vanda Anastácio, o extrato da *Paródia do canto I de Os Lusíadas* foi retirado da primeira edição de 1898, e os poemas de André Falcão de Resende seguiram as lições da edição incompleta feita no século XIX. A maior parte, no entanto, vem de manuscritos e impressos do século XVI, pois nossa intenção foi a de surpreender esses textos em um dos estados em que corriam entre os leitores da época.

Esta antologia não se apresenta como uma edição crítica. Optamos por uma edição de divulgação, modernizante, sem aparato crítico, de modo a proporcionar uma leitura fluida e sem tropeços, e apresentar ou reapresentar ao leitor moderno a poesia produzida pelos contemporâneos de Camões. Com a intenção, também, de disponibilizar material para estudos literários e correlatos.

Como uma das mais notáveis características da poesia portuguesa do século XVI é a sua alta variabilidade de lições, ou seja, o seu alto índice de variantes textuais, e seus muitos problemas de atribuição autoral, procuramos deixar visível a não-fixidez e a instabilidade dos textos e das atribuições autorais com a inclusão de poemas “muito parecidos” ou quase iguais, especialmente das várias versões do soneto “Horas breves de meu contentamento”, nas quais a não-fixidez da matéria textual se mostra mais agudamente. Desta forma, pretendemos mostrar ao leitor os traços textuais dos vários acidentes de transmissão dos poemas, numa época em que a circulação da poesia se dava tanto oralmente quanto em manuscritos e em livros impressos. É interessante observar que quase todos os contemporâneos de Camões não leram a obra de seus colegas em livros impressos; a poesia lírica desses poetas só começou a ser publicada na década de 1590. Preponderava, portanto, a circulação manuscrita dos textos. Imaginem-se todos os acidentes textuais da cópia manuscrita, como os erros de transcrição, as cópias de “memória”, as cópias “melhoradas” ou “corrigidas” ou “reinventadas” segundo o critério pessoal do copista e, ainda, como as várias versões de uma obra flagrada em vários momentos de sua composição.

Em um tal panorama em que não são raras as várias versões de um mesmo poema, e mesmo as diferentes atribuições autorais para um mesmo poema, parece-nos produtivo entender a obra, ou o poema, como um sistema de versões que a compõem. Ao entender o poema como um sistema composto por suas versões e variantes, que surgem ao longo do tempo de sua escrita e de sua transmissão e circulação,¹³ apaga-se do horizonte a intenção de buscar – ou reconstruir – uma “versão original” ou uma versão “autorizada pelo autor”. Nesta antologia, procurou-se dar ao leitor uma das versões quinhentistas dos poemas escolhidos, uma imagem captada no caleidoscópio de textos que circulavam em manuscritos vários e primeiras edições do século XVI.

Sheila Moura Hue

NOTAS

¹ O *Diálogo em defesa* foi publicado juntamente com as *Regras que ensinam a maneira de escrever e ortografia da língua portuguesa*, Lisboa, Antônio Gonçalves, 1574.

² Diogo Bernardes também registrou o seu cânone da poesia contemporânea em carta a Pero de Lemos, em *O Lima*, ver nota 4. (Bernardes, Diogo. *Obras completas*. vol. II. Prefácio e notas de Marques Braga. Lisboa: Sá da Costa, 1946.)

³ *O Lima*, carta a Gaspar de Sousa, sobrinho de Cristóvão de Moura; a carta é um pedido de mecenato.

⁴ *O Lima*, carta VII, a Pero de Lemos.

⁵ *O Lima*, Carta a Rui Gomes da Grã: “D’ingenhos a quem Febo encordoa,/ A doce e branda lira com mão própria/ a quem de verde louro dá coroa,/ quando entre nós houve maior cópia?/ E porém de Mecenas tantos temos/ como de brancos tem a Etiópia.”

⁶ Cf. Vanda Anastácio, *Visões de Glória*, vol. II, p. 453, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1998.

⁷ *O Lima*, carta XI, a Pero de Andrade caminha.

⁸ “Notícia” de Francisco Soares Toscano, em *Paródia ao primeiro canto dos Lustadas de Camões. Festas Bacchanaes: conversão do primeiro canto dos Lustadas do grande Luiz de Camões, vertidos do humano em o de-vinho, por uns caprichosos. Autores: Dr. Manoel do Valle, Bartholomeu Varela, Luiz Mendes de Vasconcellos e o Licenciado Manoel Luiz. Anno de 1589*, Porto, Typographia da Rua Formosa, 1845.

⁹ Ver o poema “Da imitação d’Antônio Ferreira”, de Pero de Andrade Caminha.

¹⁰ “Eu vo-lo direi; porque todos vós outros os que amais pela passiva, dizeis que o amor fino como melão não há-de querer mais de sua dama que amá-la, e virá logo o vosso Petrarca, e o vosso Petro Bembo, atoado a trezentos Platões, mais safado que as luvas de um pagem de arte, mostrando rezões verisíméis e aparentes, pera não quererdes mais de vossa dama que vê-la; e ao mais até falar com ela. [...] E eu já de mi vos sei confessar que os meus amores hão-de ser pela activa, e que ela há-de ser a paciente e eu agente, porque esta é a verdade.” Auto do Filodemo, edição de Hernâni Cidade; *Lus de Camões. Obras Completas. Volume III*, Lisboa, Sá da Costa, 1985.

¹¹ Ver Américo da Costa Ramalho, “Camões e os ‘tristes’”, in *Camões no seu tempo e no nosso*, Coimbra, Almedina, 1992.

¹² Foram usadas as primeiras edições das obras de Fernão Álvares do Oriente, Baltazar Estação e Estevão Rodrigues de Castro, publicadas no início do século XVII, mas escritas durante o século XVI.

¹³ Ver “Unsought Encounters”, de Hans Walter Glaber, e “Issues of identity and utterance: an intentionalist response to ‘textual instability’”, de James Mclaverty e ainda outros ensaios em *Devils and angels. Textual editing and literary theory*, Charlottesville/London, University Press of Virginia, 1991.

CRITÉRIOS EMPREGADOS NESTA EDIÇÃO

Os poemas aqui reunidos vêm de uma ampla variedade de fontes, desde manuscritos e edições quinhentistas ou seiscentistas até edições dos séculos XIX e XX; como pode ser observado na Bibliografia. Esses textos, portanto, lidos nessas fontes, nos apresentam uma notável variedade ortográfica além de um amplo e diferenciado uso da pontuação. Para tornar esse material mais próximo do leitor brasileiro contemporâneo, optamos por uma edição modernizante, cujos critérios se enumeram a seguir:

- atualizou-se a ortografia, a acentuação e a pontuação, de acordo com as normas vigentes;
- não foi feita a atualização ortográfica nos casos em que a alteração da grafia da palavra interferia na rima ou na métrica; mantiveram-se, por exemplo, as formas *aquesta* (esta), *val* (vale), *dino* (digno), *té* (até), *esprito* (espírito), *imigo* (inimigo), *experimenta* (experimental), *fruito* (fruto), *tristura* (tristeza), *defensão* (defesa), *ia* (uma), *qués* (queres), *mouro* (morro), *mi* (mim) e *assi* (assim);
- também não foi atualizada a grafia do nome *Gujomar* (Guiomar) presente em um acróstico, de modo a preservar a intenção do poema (as primeiras letras do verso formam o nome Guiomar de Faria); foi mantida a forma arcaica *antre* (entre) no clássico poema de Bernardim Ribeiro, “Antre mim mesmo e mim”;
- utilizou-se trema nos casos de diérese, como, por exemplo, em *saiüdade* (para indicar a pronúncia adequada à métrica do verso: *sa-u-da-de*);
- foram empregadas as formas arcaicas *co* (com o) e *coa* (com a) nos casos em que provocam hipermetria quando desenvolvidas;
- grafaram-se com maiúscula as palavras *Céu* (paraíso) e *Amor* (Cupido) para diferenciá-las de *céu* (firmamento) e *amor* (sentimento); grafou-se também com maiúscula a palavra *Senhora*, vocativo freqüente na poesia amorosa do século XVI;
- os versos hipermétricos foram assinalados com ‘H’ sobrescrito (^H) e os hipométricos com ‘h’ sobrescrito (^h);
- manteve-se integralmente a rubrica dos poemas, segundo a fonte consultada; os acréscimos incluídos foram grafados entre colchetes.

ANTOLOGIA DE POESIA PORTUGUESA
SÉCULO XVI

CAMÕES ENTRE SEUS CONTEMPORÂNEOS

I - AMOR

REFLEXOS DE LAURA

ANTÔNIO FERREIRA

Ó olhos, donde Amor suas flechas tira
Contra mim, cuja luz me espanta e cega;
Ó olhos, onde Amor se esconde, e prega
As almas e, em pregando-as, se retira!

Ó olhos, onde Amor amor inspira,
E amor promete a todos, e amor nega;
Ó olhos, onde Amor tão bem se emprega,
Por quem tão bem se chora e se suspira!

Ó olhos, cujo fogo a neve fria
Acende e queima; ó olhos poderosos
De dar à noite luz, e vida à morte!

Olhos, por quem mais claro nasce o dia,
Por quem são os meus olhos tão ditosos,
Que de chorar por vós lhes coube em sorte.

DIOGO BERNARDES

Nesses formosos olhos, que tão caro
Me fazem custar sempre a vista deles,
Quando, cruel Senhora, verei neles
Algum sinal de amor, escuro ou claro?

Não vêem eles nos meus um vivo faro
De fogo, que no peito entra por eles?
Do mesmo fogo não vêem sair aqueles
Suspiros tristes; prova de amor raro?

Se só num volver d'olhos tenho a vida,
Que vos custa, Senhora, socorrer-me
Com os volver a mim, para que viva?

E se vos custa menos ver perder-me,
Logo do triste peito se despida
A vital aura leve, e fugitiva.

ESTÉVÃO RODRIGUES DE CASTRO

Ondados fios de ouro onde enlaçado
Em doces nós está meu pensamento,
Que quando vos mais solta o leve vento
Mais preso fico então num vão cuidado.

Amor, de uns belos olhos sempre armado,
Me combate coas forças do tormento,
Provando de minh'alma o sofrimento,
Que à lei justa da paz trago obrigado.

Assim que em vosso gesto mais que humano
Amo a paz juntamente e o perigo,
Que em amar um e outro não me engano,

Muitas vezes dizendo estou comigo
Que pois é justa a causa de meu dano,
Justa é a guerra, justa a paz que sigo.

FERNÃO RODRIGUES LOBO SOROPITA

Cabelo em ricos laços ordenado
De outro ouro de mais preço que Amor cria,
Olhos que em vós trazeis o claro dia
Que gasta a sombra vã de meu cuidado,

Boca a cujos rubis Amor tem dado
Outra graça, outro ser, outra valia,
Mãos de branco marfim que as almas lia
Por quem o coração me foi roubado,

Estranho padecer, doce perigo,
Brando enleio que Amor no mundo pôs
Por comunicar mais seus bens conosco,

Vós estais lá sem mim, eu cá sem vós,
Mas nem vós deixais cá de estar comigo,
Nem eu deixarei lá de estar convosco.

PERO DE ANDRADE CAMINHA

Uns cabelos vi eu que embaraçados
Os olhos me deixaram, a luz perdida
Quase toda, e de todo alma vencida,
E os pensamentos todos enlaçados.

Sem ordem, sem concerto derramados
Me tem desconcertada e triste a vida,
Tudo em mim tem vencido, arrependida
Nunca a alma já será destes cuidados.

Rodeados os vi de mil Amores,
E vi outros mil Amores escondidos,
Fazendo para as vidas muitos laços.

Quisera-me ocupar em seus louvores,
Faltaram-me as palavras, e os sentidos,
Tudo ali foram medos e embaraços.

CONTRA O MODELO PETRARQUISTA

BALTAZAR ESTAÇO

A um poeta

Que enfadonha certeza é celebrardes
Os poetas profanos, olhos belos,
E mais que sejam brancos, ou amarelos,
Sempre verdes formosos os pintardes.

Que velhice tão certa nomeardes
Por fino ouro quaisquer negros cabelos,
E se os raios do sol ousaram a vê-los,
Cos raios desse sol os comparardes.

Conceito que de usado já atormenta,
Que trás canção, soneto, oitava e trova,
Ofendendo co uso toda a orelha,

Porque hoje mais agrada, e mais contenta,
A novidade humilde, por ser nova,
Que a certeza sublime, sendo velha.

OS CONTRÁRIOS DO AMOR

FERNÃO RODRIGUES LOBO SOROPITA

Amor que em sombras vãs do pensamento
Paga o zelo leal de meu cuidado,
Em toda a condição, em todo estado,
Tributário me fez de seu tormento.

Eu sirvo e canso, e o merecimento
De quanto tenho a Amor sacrificado,
Nas mãos da ingratidão despedaçado,
Por presa vai do eterno esquecimento.

Mas por muito que enfim cresça o perigo
A que tamanhos males me condena
Amor, que amor não é, mas inimigo,

Um só remédio sinto, a minha pena,
Que a glória do querer que há tanto sigo
Não pode ser com males mais pequena.



Posto que sofra amor apartamento
Por não fazer ofensa à confiança,
Desconfiado vou nesta mudança
De poder enganar meu pensamento.

E pois negar não posso o sentimento
Que mais me cansa a mim, porque vos cansa,
Lembre-vos que sem ter de vós lembrança
Não posso respirar um só momento.

Tal me parti de vós, que não cuidava
Que, pois dentro nesta alma vos trazia,
Noutra nenhuma parte vos deixava,

Porém depois que vi que vos não via,
Entendi na partida qual estava
Quem dos olhos, nem d'alma se partia.

∞
Quanto mais pode Amor num peito humano,
Tanto se mostra mais não ter firmeza,
Pois quando dá mor gosto e mor alteza
Então é mais cruel e desumano.

Põe debaixo do bem um falso engano,
Promete-nos prazer, dá-nos tristeza,
Seus afagos e gostos são crueza,
O mor gosto que tem é ser tirano.

Alto me pôs a fé e o pensamento,
Por que mor queda assim fizesse dar-me
Amor, que em ser cruel, é tão isento.

Foi-me desenganar, por segurar-me,
Assim quanto me deu foi tudo vento,
Desenganou-me enfim para enganar-me.

∞
Que leite foi cruel o que mamaste
Que em teu peito imprimiu tão grã crueza?
Que tigre te gerou de tal beleza,
A que bafo de fera te criaste?

Por que brenhas incógnitas andaste,
Que terras, montes, vales de aspereza,
Que serras, por que partes de dureza,
Que gente desumana conversaste?

Que peito haverá que não se abrande,
Por mais e mais que tenha de mui duro,
E que ao meu negue piedade,

Ou quem buscando a morte sempre ande
A um sobejo amor tão limpo e puro,
Quem, senão vossa grande crueldade?

FRANCISCO DE ANDRADE

Enquanto aquela glória me faltava,
Que de ouvir-vos e ver-vos dependia,
Sustentou esta voz minha alegria
Que a vós e a vossa voz representava.

Aqueles brandos versos que cantava,
Cantando-os, pareceu que vos ouvia,
Mas enfim já no fim vence a porfia
O meu desejo em vão que suspirava.

Eu faltei, vós tardastes, mas chegou
Quem convosco fará lugar divino
Para fazer inveja a todo o mundo,

Mando-o para penhor pois me ficou
E perdoai-me agora o desatino
Até ter a este bem outro segundo.

LUÍS DE CAMÕES

Se tanta pena tenho merecida
Em pago de sofrer tantas durezas,
Provai, Senhora, em mim vossas cruezas,
Que aqui tendes úa alma oferecida.

Nela experimentai, se sois servida,
Desprezos, desfavores e asperezas,
Que mores sofrimentos e firmezas
Sustentarei na guerra desta vida.

Mas contra vossos olhos quais serão?
Forçado é que tudo se lhe renda,
Mas porei por escudo o coração,

Porque em tão dura e áspera contenda
É bem que, pois não acho defesa,
Com me meter nas lanças me defenda.

D. MANUEL DE PORTUGAL

Queimado sejas tu e teus enganos,
Amor escandaloso, Amor cruel,
Queimadas tuas flechas, teu cordel,
E o arco com que fazes tantos danos.

Os teus prometimentos tão profanos,
E teus afagos mais doces que o mel,
Veja-os eu todos, pois se tornam fel
No fogo em que queimas os humanos.

Veja-te eu, os olhos desatados,
E vejas tu, os com que me mataste,
Porque bem bastaria tal vingança.

Irias com os mais desesperados,
Morreras mal, inda que bem mataste,
Perdendo o remédio da esperança.

PERO DE ANDRADE CAMINHA

A este mote alheio

*Sem vós, e com meu cuidado,
Olhai sem quem, e com quem.*

Glosa

O cuidado que mais sigo,
O tempo que vos não vejo,
É dor, tristeza e desejo,
É sempre estar em perigo,
E até da vida ter pejo.
E se ver-me sem vos ver
É viver sempre em estado
De desejar, e temer,
Vede como hei-de viver
Sem vós, e com meu cuidado.

Sem vós, em quem vejo a vida,
Com ele, em que sinto a morte?
Sem vós, de quem pende a sorte
Ao que vos quero devida,
Com ele contr'ela forte?
Sem vós, de quem foge o mal,
Com ele, que mo detém?
Sem vós, a mim sem igual,
Com ele, a mim desigual?
Olhai sem quem, e com quem.

AMOR PELA PASSIVA

BALTAZAR ESTAÇO

A certa pessoa em sua repreensão

Vestis vossa tenção, com ser sagrada,
De tão profano trajo, e tão lascivo,
Que vindo a resgatar um só cativo
Mil livres cativais nessa jornada.

Salvo se vindo só por ser louvada
Tomais para outro fim este motivo,
E livrando da pena ao que está vivo
Mateis a quem e de quem fordes olhada.

Sáis a livrar almas de um tormento,
Que inda que seja grande é transitório,
Mas a muitas causais tormento eterno,

Fazeis a úa alma bem, mas mal a cento,
Porque úa só tirais do purgatório,
E a quantos lá vos vêem meteis no inferno.

Outra [carta] a outra pessoa

Depois que o longo tormento,
Que eu não cuidei que passasse,
Das penas do entendimento
Fez asas ao pensamento
Com que mais alto voasse,

Tão claro julguei, Senhora
(Coisa que vos não quiséreis);
Que nesse momento ou hora
Vos vi representadora
De figura que não éreis.

E por desastre vi mais
Em vós, a que nada devo
(Pois fingis o que mostrais),

Mil figuras de relevo
Que eu tinha por naturais.

E entrando pelas portas
Dessas moradas esquivas
Donde vivem almas cativas
Vi cem mil imagens mortas
Que vós me mostráveis vivas.

E vi para maior dano
Outro maior desatino,
Em auto de amor mundano
Figura de amor divino
Representando o profano,

O qual tinha por officio,
À sombra da gentileza,
Recitar neste exercício
Amores por artificio,
Enganos por natureza.

Vi fantásticos cuidados
Pelos ares esparzidos,
De ouro fingido bordados,
Vi trabalhos padecidos
Por gostos imaginados.

Danos irremediáveis,
Penas, dores insofríveis,
Vivas sombras invisíveis,
Tormentos incomportáveis
Por delícias impossíveis.

Vi meus males, meus enganos,
Todos com disfarces de anjos,
E para mais graves danos
Julguei sempre por arcanjos
Demônios meridianos.

E no tempo em que me vistes
Dando quanto vós pedíeis,

Posto que nada pedistes,
Vi dançar meus males tristes
Ao som que vós lhe fazíeis.

Vi perdida a melhor graça
Por que essa vossa alcançasse,
E vi nessa vossa face
Mil jogos de passa passa,
Mas não jogo que passasse.

Vi que quando me tratáveis
Pelo bem que não queríeis,
Como cigana faláveis:
La buena dicha dizíeis,
La dicha mala me dáveis.

Neste dia, ou nesta hora,
Por óculos mui perfeitos,
Para minha vista feitos,
A vós vi trejeitadora,
A mim, mesa de trejeitos.

E vi-vos por via errada
Errar vosso último fim,
De todo bem desviada,
Sendo árvore de jardim
Feita noqueira de estrada.

Vendo monstros tão medonhos,
Fujo deles assombrado,
E lembrando-me o passado
Duvido se foram sonhos,
Se obras de homem acordado.

DIOGO BERNARDES

Se pode tanto à morte defender-se
A vida, que por vós deve estimar-se,
Que veja em vossos olhos apagar-se
A luz que faz o sol escurecer-se,

E o ouro dos cabelos converter-se
Em branca prata, o rosto descorar-se,
De tal maneira enfim tudo mudar-se,
Que mais ousadamente deixe ver-se.

Então, firme em mudanças tão contínuas,
Vereis como não amo, nem receio
De vós o que não pode ter firmeza,

Mas outra formosura, outras divinas
Graças, de que esse espírito vejo cheio,
As quais não dá, nem tira a natureza.

ESTEVÃO RODRIGUES DE CASTRO

Ausente, pensativo e solitário,
Como se vos tivera ali presente
Dou e tomo razões ousadamente,
Firme em amor, em pensamentos vário.

Quando venho ante vós, com temerário
Fervor, renovo n'alma juntamente
Quanto cuidados tive estando ausente,
Que tudo em tal aperto é necessário.

Uns aos outros se impedem na saída,
E querem cometer, e não se abalam,
E vou para falar, e fico mudo.

Porém meus olhos, minha cor perdida,
Meu pasmo, meu silêncio, por mim falam
E não dizendo nada digo tudo.

FRANCISCO SÁ DE MIRANDA

Quando eu, Senhora, em vós os olhos ponho,
E vejo o que não vi nunca, nem cri
Que houvesse cá, recolhe-se a alma em si,
E vou tresvaliando como em sonho.

Isto passado, quando me disponho,
E me quero afirmar se foi assi,
Pasmado, e duvidoso do que vi,
M'espanto às vezes, outras me avergonho.

Que, tornando ante vós, Senhora, tal,
Quando me era mister tanta outra ajuda,
De que me valerei, se alma não val?

Esperando por ela que me acuda,
E não me acode, e está cuidando em al,
Afronta o coração, a língua é muda.

JORGE DE MONTEMOR

Os tempos se mudarão,
A vida se acabará,
Mas a fé sempre estará
Onde meus olhos estão.

Os dias e os momentos,
As horas com suas mudanças
Imigas são de esperanças
E amigas de pensamentos.

Os pensamentos estão,
A esperança acabará,
A fé me não deixará
Por honra do coração.

É causa de muitos danos
Duvidosa confiança,
Que a vida sem esperança
Já não teme desenganos.

Os tempos se vêm e vão,
A vida se acabará,
Mas a fé não quererá
Fazer-me esta sem-razão.

AMOR PELA ATIVA

DIOGO BERNARDES

Um só fado, Senhora, uma ventura
Nos aparta, nos junta, e nos condena
À prisão igual, com igual pena,
A minha pela vossa inda mais dura.

Mas Amor nos trabalhos mais se apura
Onde a firmeza e a fé não é pequena,
E o mesmo Amor, que tudo enfim ordena,
Presos nos prende mais, mais nos segura.

Por isso as queixas cessem, cessem medos,
Em gostos se convertam as tristezas,
Que agravos sem razão não duram muito.

Mui cedo espero ver, com olhos ledos,
Os corpos soltos, e as almas presas,
Colher de Amor o desejado fruto.



Bem mostrou o pintor estilo agudo
No retrato, Senhora, que vos mando,
Pois não só o parecer foi retratando,
Mas os efeitos com mais alto estudo.

Se vai mudo ante vós, eu fico mudo,
Se surdo e cego, bem cego e surdo ando,
Se morto, a vida vai-se-me acabando,
Enfim que vai conforme a mim em tudo.

Mas na ventura fica avantajado,
Que vai (com gosto vosso) à vossa mão,
Onde será melhor visto e tratado:

Mercês que se deviam, por razão,
Ao próprio original, porque o traslado
Não vê, nem sente de que preço são.

LUÍS DE CAMÕES

O fogo que na branda cera ardia,
Vendo o rosto gentil que eu n'alma vejo,
Se acendeu de outro fogo do desejo,
Por alcançar a luz que vence o dia.

Como de dois ardores se acendia,
Da grande impaciência fez despejo,
E remetendo com furor sobejo
Vos foi beijar na parte onde se via.

Ditosa aquela flama que se atreve
Apagar seus ardores e tormentos,
Na vista de que o mundo tremer deve.

Namoram-se, Senhora, os elementos
De vós, e queima o fogo aquela neve,
Que queima corações e pensamentos.



Lindo e sutil trançado, que ficaste
Em penhor do remédio que mereço,
Se só contigo, vendo-te, endoideço,
Que fora cos cabelos que apertaste?

Aquelas tranças de ouro que ligaste,
Que os raios do sol têm em pouco preço,
Não sei se para engano do que peço,
Se para me atar, os desataste.

Lindo trançado, em minhas mãos te vejo,
E por satisfação de minhas dores,
Como quem não tem outra, hei de tomar-te,

E se não for contente meu desejo,
Dir-lh'-ei que, nesta regra dos amores,
Pelo todo também se toma a parte.

Outro [mote] a outra dama que estava também doente

*Deu, Senhora, por sentença
Amor que fosseis doente,
Para fazeres à gente
Doce e formosa a doença.*

Não sabendo Amor curar,
Foi a doença fazer,
Formosa para se ver,
Doce para se passar,
Então, vendo a diferença
Que há de vós a toda a gente,
Mandou que fôsseis doente,
Para glória da doença.

E digo-vos, de verdade,
Que a saúde anda invejosa
Por ver estar tão formosa
Em vós essa enfermidade.
Não façais logo detença,
Senhora, em estar doente
Porque adoecerá a gente
Com desejos da doença.

Que eu, por ter, formosa Dama,
A doença que em vós vejo,
Vos confesso que desejo
De cair convosco em cama.
Se consentis que me vença
Este mal, não houve gente
Da saúde tão contente
Como eu serei da doença.

Trovas a uma dama que mandou pedir algumas obras suas

Senhora, se eu alcançasse,
No tempo que ler quereis,
Que a dita dos meus papéis
Pela minha se trocasse;
E por ver
Tudo o que posso escrever
Em mais breve relação,
Indo eu onde eles vão,
Por mim só quisésseis ler.

Depois de ver um cuidado
Tão contente de seu mal,
Veríeis o natural
Do que aqui vedes pintado,
Que o perfeito
Amor de que sou sujeito
Vereis áspero e cruel,
Aqui com tinta e papel,
Em mim com sangue no peito.

Que um contínuo imaginar,
Naquilo que Amor ordena,
É pena que enfim por pena
Se não pode declarar,
Que se eu levo
Dentro n'alma quanto devo
De trasladar em papéis,
Vede qual melhor lereis,
Se a mim, se aquilo que escrevo.

Mote alheio

*Caterina bem promete,
Eramá como ela mente.*

Volta próprias

Caterina é mais formosa
Para mim que a luz do dia,
Mas mais formosa seria
Se não fosse mentirosa,
Hoje a vejo piedosa,
Amanhã tão diferente,
Que sempre cuido que mente.

Caterina me mentiu
Muitas vezes, sem ter lei,
Mas todas lhe perdoei
Por uma só que cumpriu.
Se como me consentiu
Falar o mais me consente,
Nunca mais direi que mente.

Má, mentirosa, malvada,
Dizei para que mentis,
Prometeis e não cumpris
Pois sem cumprir, tudo é nada.
Não sois bem aconselhada,
Que quem promete, se mente,
O que perde não no sente.

Jurou-me aquela cadela
De vir, pela alma que tinha,
Enganou-me, tem a minha,
Dá-lhe pouco de perdê-la.
A vida gasto após ela,
Porque ma dá se promete,
Mas tira-ma quando mente.

[...]

PERO DE ANDRADE CAMINHA

A este cantar velho

*Caterina bem promete,
Eramá como ela mente.*

Prometeu que meus queixumes
Brandamente me ouviria,
E os seus formosos lumes
Brandos a mim voltaria.
E eu, já como quem se fia
Nesta esperança contente,
Ria de quem diz que mente.

Promete, mas sempre engana,
Oxalá nunca o dissera,
Que assim muito mais me dana
Que se nunca prometera.
Já minh'alma desespera
De se ver nunca contente
Dum si de quem tanto mente.

Promete para enganar
Quem nunca lhe disse engano,
E engana para danar
Quando mais se sinta o dano.
Vai-se o mês, e vai-se o ano,
Se lhe lembro o que promete
Diz que sim, mas sempre mente.

O seu si sempre é formoso
Quando se ouve, e se lhe crê.
Mas é mais que o não danoso
Quando o não nele se vê.
Mente-me não sei por quê,
Nem sei como já não sente
Quando m'engana, e me mente.

Mil vezes me ponho em ira
Vendo sua crueldade,

Pois crendo eu sua mentira
Me não crê minha verdade.
Mostro-lhe alma e vontade,
Não me crê pois me promete
Para mentir como mente.

Já com tanto falecer
Me falece a confiança,
E de sua fé perder
Perdi eu minha esperança.
Mas o amor não faz mudança,
Que quem dele muito sente
Nem a quem lhe mente mente.

II – IMITAÇÃO

LUIZ DE CAMÕES

Eu cantarei de amor tão docemente,
Por uns termos em si tão concertados,
Que dois mil acidentes namorados
Faça sentir ao peito que não sente.

Farei que amor a todos avivente,
Pintando mil segredos delicados,
Brandas iras, suspiros magoados,
Temerosa ousadia, e pena ausente.

Também, Senhora, do desprezo honesto
De vossa vista branda e rigorosa,
Contentar-m'-ei dizendo a menos parte.

Porém, para cantar de vosso gesto
A composição alta e milagrosa,
Aqui falta saber, engenho e arte.

PERO DE ANDRADE CAMINHA

Eu cantarei de amor tão novamente,
Se me ouve aquela de quem sempre canto,
Que de mim dor e mágoa, e dela espanto
Terá a mais fera, inculta, e dura gente.

E ela que assim tão crua e indignamente
Dura aos meus choros é, surda ao meu canto,
Algũa parte crerá (se não for tanto
Como eu desejo) do que est'alma sente.

Mas como esperarei achar piedade
De mim nem em mim mesmo, se ela nega
(Não peço brandos já) duros ouvidos?

Se nega um volver d'olhos, com que cega
A luz, e dá ao escuro claridade,
Como serão meus danos nunca cridos?

DIOGO BERNARDES

Alma que nesta vida despediste
Quanto do Céu podia desviar-te,
Com Maria escolhendo a melhor parte,
Esquecida de ti, Cristo seguiste.

Depois que desta vida te partiste,
Tristeza do meu peito não se parte,
Sem ti me vejo tal em toda parte
Que o menos mal que sinto é ver-me triste.

Inda que me consola ter por certo
Que lá nesse alto coro recebida
Gozas do sumo bem, que tanto amaste:

Agora vendo claro e descoberto
O doce esposo teu, por quem a vida,
E todos os bens dela desprezaste.

LUÍS DE CAMÕES

Alma minha gentil, que te partiste
Tão cedo desta vida descontente,
Repousa lá no Céu eternamente,
E viva eu cá na terra sempre triste.

Se lá no assento etéreo, onde subiste,
Memória desta vida se consente,
Não te esqueças daquele amor ardente
Que já nos olhos meus tão puro viste.

E se vires que pode merecer-te
Alguma coisa a dor que me ficou
Da mágoa sem remédio de perder-te,

Roga a Deus, que teus anos encurtou,
Que tão cedo de cá me leve a ver-te,
Quão cedo de meus olhos te levou.

DIOGO BERNARDES

Cantei um tempo, agora choro a guerra
Que fui com dor sofrendo de ano em ano,
Sujeito dum cruel fero tirano
Que nunca, sem ter vista, os golpes erra.

Musas, por quem Parnaso se abre e cerra,
Pois à morte fazeis eterno engano,
Conservai a memória do meu dano
Enquanto cego Amor reinar na terra.

Por que de quem me ler aviso seja,
Primeiro o que vá dar desatentado
Nas ciladas mortais deste homicida,

Ou, se nelas deu já, dê volta, e veja
Que só merece, e deve ser amado
Quem deu por nosso amor sua própria vida.

LUÍS DE CAMÕES

Eu cantei já, e agora vou chorando
O tempo que cantei tão confiado,
Parece que no canto já passado
Se estavam minhas lágrimas criando.

Cantei, mas se me alguém pergunta quando,
Não sei, que também fui nisso enganado.
É tão triste este meu presente estado,
Que o passado por ledó estou julgando.

Fizeram-me cantar, manhosamente,
Contentamentos não, mas confianças,
Cantava, mas já era ao som dos ferros.

De quem me queixarei, que tudo mente?
Mas eu que culpa ponho às esperanças,
Onde a fortuna injusta é mais que os erros?

PERO DE ANDRADE CAMINHA

Chorei, agora canto, e estes efeitos
Dum mesmo amor, Senhora, são nascidos,
Mas de vós sempre mal agradecidos,
E ao Amor que os governa nunca aceitos.

De vós estes espiritos satisfeitos,
Sempre cheios de vós, e a vós unidos,
Deviam ser de vós bem recebidos
Como em amor puríssimo perfeitos.

Chorei des'que vos vi ter-me tardado
Tanto a ventura em me tirar da morte
Mostrando-me o que sempre ver desejo.

Já canto, e cantarei porque vos vejo,
Mas chore, ou cante, ouvido, ou desprezado,
Tenho por felicíssima esta sorte.

DIOGO BERNARDES

Se quando vos perdi, minha esperança,
A memória perdera juntamente
Do meu passado bem, do mal presente,
Pouco sentira a dor de tal mudança.

Mas meu fado cruel, que não descansa
De sempre me cansar continuamente,
Me faz lembrar que já me vi contente,
Por me fazer mais triste na lembrança.

De coisas de que não deixou sinal
O leve tempo, delas avarento,
Agora quer que seja perseguido,

E para dar mor força a meu tormento,
Não me busca de novo novo mal,
Antes me põe diante o bem perdido.

LUÍS DE CAMÕES

Se quando vos perdi, minha esperança,
A memória perdera juntamente
Do doce bem passado e mal presente,
Pouco sentira a dor de tal mudança.

Mas Amor, em quem tinha confiança,
Me representa mui miudamente
Quantas vezes me vi ledo e contente,
Por me tirar a vida esta lembrança.

De coisas de que não havia sinal,
Por as ter postas já em esquecimento,
Destas me vejo agora perseguido.

Ah, dura estrela minha! Ah, grão tormento!
Que mal pode ser mor que, no meu mal,
Ter lembrança do bem que é já perdido?

DIOGO BERNARDES

Eu me parto de vós, campos do Tejo,
Quando menos temi esta partida,
E se minh'alma vai à dor rendida,
Nos olhos o vereis com que vos vejo.

Pequenas esperanças, mal sobejo,
Vontade que a razão leva vencida,
Asinha darão fim à triste vida,
Se vos não torno a ver, como desejo.

Em tanto nunca verá noite nem dia
Apartar-se de vós minha lembrança,
Amor, que vai comigo, o certifica.

Andarão sempre em minha companhia,
Enquanto na tornada houver tardança,
Saudades do bem que em vós me fica.

LUÍS DE CAMÕES

Eu me aparto de vós, ninfas do Tejo,
Quando menos temia esta partida,
E se minh'alma vai entristecida,
Nos olhos o vereis com que vos vejo.

Pequenas esperanças, mal sobejo,
Vontade que a razão leva vencida
Asinha darão triste fim à vida,
Se vos não torno a ver como desejo.

Nunca a noite, entretanto, nunca o dia
Verá de mim partir vossa lembrança,
Amor que vai comigo o certifica.

Por mais que na tornada haja tardança,
Sempre me farão triste companhia
Saudades do bem que em vós me fica.

DIOGO BERNARDES

[Mote] *alheio*

*Sem vós, e com meu cuidado,
Olhai com quem, e sem quem.*

Glosa

Vendo Amor que com vos ver
Que os males que me fazia
Alegremente os sofria,
Não me pôde isto sofrer:
Conjurou-se com meu fado,
Que novo mal me ordenou,
Ambos me levam forçado,
Não sei onde, pois que vou
Sem vós, e com meu cuidado.

Destes dois males que digo,
Não sei qual é mais estranho,
Se não vos ver, se comigo
Ver um imigo tamanho:
O que fica, e o que vem,
Um me mata, outro desejo,
Com tal mal, e sem tal bem,
Em tal extremo me vejo,
Olhai com quem, e sem quem.

LUÍS DE CAMÕES

Mote alheio

*Sem vós, e com meu cuidado,
Olhai com quem, e sem quem.*

Glosa própria

Vendo Amor que com vos ver
Mais levemente sofria
Os males que me fazia,
Não me pôde isto sofrer.
Conjurou-se com meu fado,
Um novo mal me ordenou,
Ambos me levam forçado
Não sei onde, pois que vou
Sem vós, e com meu cuidado.

Não sei qual é mais estranho
Destes dois males que sigo,
Se não vos ver, se comigo
Levar imigo tamanho.
O que fica e o que vem,
Um me mata, outro desejo,
Com tal mal, e sem tal bem,
Em tais extremos me vejo,
Olhai com quem, e sem quem.

HORAS BREVES DE MEU CONTENTAMENTO

ANÔNIMO

[soneto glosado por André Falcão de Resende]

Horas breves de meu contentamento,
Nunca me pareceu, quando vos tinha,
Que vos visse mudadas tão asinha
Em tão compridos anos de tormento.

Aquelas torres que eu fundei no vento
O vento mas levou, que as sustinha,
Do mal que me ficou a culpa é minha,
Pois sobre coisas vãs fiz fundamento.

Amor com falsas mostras aparece,
Tudo possível faz, tudo assegura,
Mas logo no melhor desaparece.

Oh, grande mal! Oh, grã desventura!
Por um pequeno bem, que logo esquece,
Aventurar um bem, que sempre dura!

ANÔNIMO

[soneto glosado por Baltazar Estação]

Horas breves de meu contentamento,
Nunca me pareceu, quando vos tinha,
Que vos visse mudadas tão asinha
Em tão compridos anos de tormento.

As minhas torres que fundei no vento
O vento mas levou que mas sustinha,
Do mal que me ficou a culpa é minha,
Pois sobre coisas vãs fiz fundamento.

Amor com falsas mostras aparece,
Tudo possível faz, tudo assegura,
Mas logo no melhor desaparece.

Oh, grande mal, estranha desventura,
Por um breve prazer que desfalece
Aventurar um bem que sempre dura.

ANÔNIMO

[no *Índice do Cancioneiro do padre Pedro Ribeiro*]

Horas breves de meu contentamento,
Nunca me pareceu, quando vos tinha,
Que vos visse mudadas tão asinha
Em tão compridos dias de tormento.

Os meus castelos que fundei no vento
O vento mos levou que mos sustinha,
Do mal que me ficou a culpa é minha,
Pois sobre coisas vãs fiz fundamento.

Amor com falsas mostras aparece,
Tudo possível faz, tudo assegura
E logo no melhor desaparece.

Oh, dano grande e grande desventura,
Por um pequeno bem que desfalece
Aventurar um bem que sempre dura.

ANÔNIMO

[no *Cancioneiro Devoto Quinhentista*]

Horas breves de meu contentamento,
Nunca cuidei, quando vos tinha,^h
Que fossem passadas tão asinha^h
Em vagarosos dias de tormento.

As minhas torres que fundei no vento,
O vento as levou logo, que as sustinha,
Do mal que me ficou a culpa é minha,
Pois pus em coisas vãs meu fundamento.

Amor com falsas mostras aparece,
Tudo pois ele faz, tudo assegura,
Mas logo no melhor desaparece.

Oh, grande engano, grande desventura!
Por um pequeno bem que desfalece
Aventurar um bem que sempre dura.

DIOGO BERNARDES

[nas *Rimas Várias Flores do Lima*]

Horas breves de meu contentamento,
Nunca me pareceu, quando vos tinha,
Que vos visse tornadas tão asinha,
Em tão compridos dias de tormento.

Aquelas torres que fundei no vento
O vento as levou já que as sustinha,
Do mal que me ficou, a culpa é minha,
Que sobre coisas vãs fiz fundamento.

Amor com rosto ledó e vista branda
Promete quanto dele se deseja,
Tudo possível faz, tudo segura,

Mas des'que dentro n'alma reina e manda,
Como na minha fez, quer que se veja
Quão fugitivo é, quão pouco dura.

DIOGO BERNARDES

[no *Cancioneiro de Fernandes Tomás*]

Horas breves de meu contentamento,
Nunca me pareceu quando vos tinha
Que vos visse mudadas tão asinha
Em tão compridos dias de tormento.

As minhas torres que fundei no vento
O vento mas levou que as sustinha,
Do mal que me ficou a culpa é minha,
Pois sobre coisas vãs fiz fundamento.

Amor com falsas mostras aparece,
Tudo possível faz, tudo assegura,
Mas sempre no melhor desaparece.

Ah, triste fado! Ah, desventura!
Por um pequeno bem que desfalece
Aventurar um bem que sempre dura.

FERNÃO ÁLVARES DO ORIENTE
[na *Lusitânia Transformada*]

Horas breves de meu contentamento,
Nunca me pareceu quando vos tinha,
Que vos visse mudadas tão asinha
Em vagarosos anos de tormento.

Aquelas torres que fundei no vento
O vento mas levou, porque as sustinha,
Do mal que me ficou a culpa é minha,
Pois sobre coisas vãs fiz fundamento.

Amor com brandas mostras aparece,
Tudo possível faz, tudo assegura,
E logo no melhor desaparece.

Ah, grande engano, e grande desventura,
Por um pequeno bem que desfalece
Aventurar um bem que sempre dura.

INFANTE DOM LUÍS
[no *Cancioneiro Devoto Quinhentista*]

Horas breves de meu contentamento,
Nunca cuidei, quando vos tinha,
Que de horas vos tornásseis, tão asinha,
Em vagarosos dias de tormento.

Meus altos castelos que fundei no vento,
O vento os levou, que os sustinha,
Do mal que me ficou a culpa é minha,
Pois sobre coisas vãs fiz fundamento.

O mundo em falsas mostras aparece,
Tudo faz certo, tudo assegura,
Mas logo no melhor desaparece.

Ah, quão enganado fui, quão sem ventura,
Pois por um breve prazer que desfalece
Aventurei um bem que sempre dura!

LUÍS DE CAMÕES
[soneto 'a' da edição de Álvares da Cunha]

Horas breves de meu contentamento,
Nunca me pareceu, quando vos tinha,
Que vos visse mudadas, tão asinha,
Em uns tão longos dias de tormento.

As altas torres que fundei no vento,
O vento as levou logo, que as sustinha,
Do mal que me ficou a culpa é minha,
Pois sobre coisas vãs fiz fundamento.

Amor com falsas mostras aparece,
Tudo possível faz, tudo assegura,
E logo no melhor desaparece.

Eu o quis, pois o quis minha ventura,
Que gemendo e chorando conhecesse
Quão fugitivo ele é, quão pouco dura.

SOBRE A IMITAÇÃO

PERO DE ANDRADE CAMINHA

Da imitação d'Antônio Ferreira

A imitação tem sua autoridade
Em seguir só o antigo e escolhido.
Ganha assim melhor nome e gravidade,
E com razão lhe é mais louvor devido.
Mas se alguém se igualar à antigüidade,
Por que imitado não será e seguido?
Eu a só meu Ferreira sempre imito
Igual em tudo a todo antigo esprito.

III – NA CORTE

ANDRÉ FALCÃO DE RESENDE

Epístola IV

Do Autor, em nome dum fidalgo, a Filipe d'Aguiar

Que vida a de um cortesão,
A quem paga a corte o quinto!
Que inverno tem, que verão,
Que rir farto do faminto!
A seu rei serve e conversa,
De quem tem favor, privança;
Navega com mar bonança,
Surge, se há fortuna adversa.

Toma bom porto em Lisboa,
Onde há tanto surgidouro,
Boas vistas, terra boa,
Boa água, ar, prata e ouro;
Onde toda inchação
Acha sua mesa posta,
E sem ouvir má resposta,
Pode em tudo meter mão.

Para quem tem bom destino,
E que é a Deus muito dado,
Onde há mais culto divino,
Onde mais lugar sagrado?
Mas para quem mal se aveza,
E a vícios mal se inclina,
Onde mais Ormuz, mais China?
Mais Nápoles, mais Veneza?

É Lisboa um mar profundo
De vária navegação;
É um compêndio do mundo,
Aonde tudo acharão.
Ásia, África, Europa,
Nova terra, mundo novo,
Comércio, nobreza, povo,
Tudo se anda a vento popa.

Ali achareis o indiano,
O japonês, o pérsio, o chinês,
O turco, o mouro, o marrano,
O moscovita, o estrelim;
Ali o dano e o proveito,
Bem, mal, gostos, trabalhos,^h
Festas, músicas e bailos,
O singelo e o contrafeito;

Ali o claro diamante,
A esmeralda do Peru,
Ouro, o rubi radiante,
Lá arrancado em Pegú;
A pérola ocidental,
E a oriental do Estreito,
A quem meter-se no peito
Da marinha ostra não val.

O brocado, a tela, a seda,
Toda droga e especiaria,
O crédito e a moeda,
O trato e a mercancia.
Ali se acha a santimônia,
Virtude e são sacrifício;
Ali, confusão e vício,
E quase outra Babilônia.

A quem Deus tanto de si,
Como a vossa mercê, deu,
Que sabe viver ali,
Isso não duvido eu;
Conservando-se sisudo
Em perfeita caridade,
Colhendo o bom da bondade,
E em tudo o melhor de tudo.

Quando lhe enfadam gualdrapas,
O mal trajo, ou o mal entremez,^H
Sabe-se acolher às lapas,
E à Senhora das Mercês.

Cansado da vida ativa,
Furta algum tempo ao tempo,
E acha bom passatempo
Na vida contemplativa.

E das lapas saudáveis
Está vendo o mar e a terra,
E os estados já mudáveis,
A paz branda, a dura guerra.
E sei que estriba e descansa,
Como o cristão cavaleiro,
No descanso verdadeiro,
Na só bem-aventurança.

Coitado de quem cá passa
Com falta de tudo isto,
Para o merecer sem graça,
E pra o querer, tendo-o visto!
Que me aproveita aprová-lo,
E tocar o bem, sem tê-lo,
E com fome e sede vê-lo,
Qual Tântalo, sem lográ-lo?

Mas como quem mais não pode,
E à fortuna rendido,
O com que me o tempo acode,
Tomo por melhor partido.
Em conversação da aldeia,
Em boa e sã companhia
Passamos o mais do dia,
Té que a noite traz a ceia.

Depois das mesas erguidas,
Já rezada a devoção,
E as estações corridas,
Fazemos congregação.
E aqui, como em escola,
Com todos bem me exercito,
Ou com lição para o espirito,
Ou para o corpo coa bola,

E dentro no jardim verde,
À sombra da laranjeira,
Temos ora ganaperde,
Ora piques, ou primeira:
Tudo isto interpolado
Com termo, lei e cumpri-la,
Conforme a jogo de vila
Que tudo vai moderado.

Que o jogar tem intervalo
Com folgar, caçar, pescar,
Ora a pé, ora a cavalo,
Cada um como mais folgar.
E nisto queixar-me posso
Sem galgo, nem gavião,
Bem que temos cá o Falcão
Em todo exercício nosso.

Mas anda tão depenado
Com as más mudas passadas,
Que parece desasado,
E que as asas tem quebradas.
Ele grita ao longe e ao perto,
Que saberá bem voar,
Se lhe o comer não faltar,
Mas que enfim grita em deserto.

Porém tudo tempo tem,
E seu remédio haverá,
Se quem sabe disto bem,
Quiser acorrer de lá.
É pois vossa mercê, que é um
Tão inteiro e bom fidalgo,
De três, que tem, mande um galgo
A quem cá não tem nenhum.

E lá faça ante o maior,^H
Pois dele é visto e estimado,
E ante quem com ele val,
Ser nosso Falcão lembrado.

Nisto, com fazer bem muito
A muitos, o faz a si,
Do qual na vida sem fim
Se colhe depois o fruto.

ANDRÉ FALCÃO DE RESENDE

À livraria de Bartolomeu Ferreira

Lá onde o fértil Nilo rega e cria
De plantas e animais grã variedade,
Plantou a Apolo e à imortalidade
Um grão pomar um rei d'Alexandria.

Mas sem a distinção, que dar devia,
Do venenoso fruto ao de bondade,
E sem tirar da má letra a verdade,
Só juntou copiosa livraria.

Do pátrio Tejo cá na alta ribeira,
Que honras, leão benigno, e nos cultivas,
Vês que pomar plantou nosso Ferreiral!

Regado só das puras fontes vivas,
E ornados da mão sua, douta e inteira,
Que livros tem, e que obras tão altivas!



À sepultura de Guiomar de Faria, com o nome nas primeiras letras

Graças, saber, primor e formosura,
Virtude e honestidade, alto sujeito,
Jazem aqui (tendo em terra desfeito
O corpo a terra) nesta sepultura.

Mas ao tempo, ao fado e à ventura,
A morte, que este dano ao mundo há feito,
Resguardando à alma pura seu direito,
Deixou o corpo cá, e subiu à altura.

E por sem fim ficar seu nome e fama,
Ficou só dor aqui com saúde
A quem com pranto o seu louvor derrama.

Recebe, alma felice, esta vontade
Inda tua; e quem isto lê, se amou ou ama,^H
Ajude a encomendá-la à divindade.



A um amigo, mandando-lhe umas obras suas

Eu quero ser de alguns que pagam logo,
Por (como dizem) ter fora um cuidado,
Já que a tudo cumprir fiquei obrigado,
Quanto vos prometi antes do jogo.

Se, para me escusar, valera rogo,
Não tivera temor de ser tachado,
Porque tudo o que faço, bem olhado,
Não é digno que o veja mais que o fogo.

Vossa porfia mais que meu engano
Faz vir ao mundo coisas, que não são,
Somente em serem minhas, para isso,

Mas causarão vergonha mais que dano;
E neste intento bom se salvarão
De obedecer-vos com qualquer serviço.



A D. Filipe d'Aguilar

Cada um seu remo rema,
E segue seu gosto vão;
Eu sem gosto e sem razão
Tenho a condição de Ema
E o nome só de Falcão.
Trago o descanso em desterro,
Trabalho a ele voar,
Sem do chão me alevantar;
E com fome como ferro,
Por mais não poder caçar.

Busco acorros noite e dia,
Mas ri do faminto o rico;
E tento em nova alquimia,
Fazendo metal do Sapico^H
Com papéis da moradia,
Peço que esta se me dê,
Mas posso abrandar mal
Tão só, tão duro metal;
Valha-me vossa mercê,
Que sempre e em tudo me val.



Oitava

A Filipe d'Aguilar

Já me seca a fonte de Aganipe,
A graça, a veia, a luz se me escurece;
E que a hora final se me antecipe,
Me pede a vida triste, e me aborrece:
Só me avienta e esforça o bom Filipe,
E ante o Real Filipe favorece;
Ele me levanta a alma e olhos ao monte,
Onde dos são remédios mana a fonte.

ANDRÉ FALCÃO DE RESENDE

A Pero de Andrade Caminha

O teu divino verso, ó raro Andrade,
O espírito me levou tão altamente
Com doce som, que cria estar presente
No sacro musal choro e irmandade.

Nem mais gosto sentira com verdade,
Se no seu prado, sempre florescente,
Cansado adormecera docemente,
E da fonte sentira a suavidade.

Deixem pois o Parnaso e cabalina
Água os que sua louvada sede move,
Gozem de Andrade a viva e sã doutrina.

Falam por tua boca as Irmãs nove,
De Apolo o alto cantar no teu se afina,
Em ti do quarto céu seu saber chove.

PERO DE ANDRADE CAMINHA

Resposta de Pero de Andrade Caminha, pelos mesmos consoantes

Raro Falcão, rara ave desta idade,
Que do Tejo voaste até o Oriente,
E às Musas descobriste novamente
Glorioso nome e nova claridade:

Tu a meus versos deste autoridade,
Tu me fizeste já deles contente
Com os teus, que podem confiadamente
Correr iguais com toda antigüidade.

De teu amor minha alma é certo dina;
Crê-mo, sem esperar que o tempo o prove,
Mas é de tua Musa a minha indina.

Com mil louvores inda o mundo aprove
Quanto com teu espírito Febo ensina,
E com teu claro nome o seu renove.

BALTAZAR ESTAÇO

Epístola

A um amigo em resposta doutra

Quem menos se publica
Ao mundo invejoso
Fica do mundo menos invejado,
E nunca melhor fica,
Pois sempre é odioso
O que merece ser mais celebrado.
Já entre o vulgo errado,
De seu bem maldizente,
E de si próprio imigo,
A quem ouvindo estou por meu castigo,
Nenhum é excelente
Que por obras se faça
A que ele por palavras não desfaça.

Pois se este tal não tem
O metal enfiado,
Com que entra o mundo todo em desafio,
Não digo achar de quem
Possa ser celebrado,
Mas nem poderá achar água no rio,
Tal é o desvario
E tal o cego engano
Do mundo baixo, iníquo,
Que não louva a ninguém senão se é rico.
Já diz o Italiano
Sentindo esta dureza,
Ne la virtù he virtù senza ricchezza.

Terá de Homero a veia,
De Júpiter, a alteza,
Terá de Apolo a lira sonora,
Terá ùa voz orfeia,
De Vênus a beleza;
Terá de Marte a lança temerosa,
De Palas afamosa,
Donde as ciências vêm,

Terá toda a ciência,
De Túlio terá toda a eloquência,
Mas se o metal não tem,
Que luz e resplandece,
Não luze e (como dizem) nem parece.

Que nesta idade dura,
Já débil e cansada,
Nem vale a arte, nem vale a natureza,
Mas só vale aventura,
Inda que situada
Numa bárbara, rude e vil baixeza;
Onde faz a riqueza
Do grosseiro polido,
Que como tem tesouro
Tudo pode fazer de azul e d'ouro;
Será ele fingido
Mas posto que pintado
Douro faz parecer o que é dourado.

No baixo finge alteza,
Celebra o desprezado
E no rústico pinta urbanidade,
Autoriza a rudeza,
E com primor pintado
Faz parecer o monte que é cidade,
Afeita a falsidade
Com verdadeiras cores;
E a quem sente rude
Promete de lhe dar toda virtude,
Escravos faz senhores,
Mas é com este agravo
Que o que faz ser senhor faz seu escravo.

Desta arte o mundo todo
Tem tomado por Deus
O metal da judaica bezerra,
E vai isto de modo
Que querem a Deus nos Céus,
E querem fazer de ouro um Deus na terra.
E sabendo que erra,

Com errada eleição,
Perdida toda a luz,
Venera sempre os cunhos mais que a Cruz.
E nesta perversão
Não cuida que bem é,
Senão o bem que palpa e o que vê.

Mais quer a posse incerta
Deste bem duvidoso,
Onde a mudança dele é só segura,
Que a esperança certa
Doutro mais saboroso,
Imortal sem mudança e sem mistura.
E com rudeza pura,
Como lobo cerval,
Deixa o que está comendo
Pelo bem duvidoso que está vendo,
Assim, como animal,
Sem luz, alma, nem fé,
Só aquilo que vê cuida que é.

Tão mau estimador
Ainda do que tem,
Que aquilo que mais ama mais despreza,
Pois sendo a vida o mor
E mais alegre bem,
Esse vende e dá pela riqueza.
Por fugir da pobreza
Pobrezas mil padece,
Pela honra que ama
Às desonras infames faz a cama,
Só porque não conhece
Que a alma não descansa
Senão em Deus seu bem, sua esperança.

O que é malicioso
Por prudente conhece,
E por néscio despreza o que é prudente,
O que vê virtuoso
Por doido o aborrece,
Julgando o rico só por excelente.

Gaba de mais valente
O que é mais revoltoso,
E tem que um bom cristão
Que não poderá ser bom cortesão,
E como é mentiroso
Toda verdade enjeita,
A mentira festeja, abraça, e aceita.

Diz que é melhor galante
O mais desaforado,
O que é pródigo tem por liberal,
Por sábio, o ignorante,
Por vil, o humilhado,
Desculpa com ser de homem o sensual,
Assim afeita o mal
Por que pareça bem,
E com cor virtuosa
Até a própria culpa faz formosa,
E deste erro lhe vem
Cuidar que é mera essência
O que é sombra do bem falsa aparência.

O que vê cobiçoso
Cuida que é providente,
E diz que tem espírito o que é altivo,
Julga por ocioso
E por pouco prudente
Aquele que vê ser contemplativo;
Que como é todo ativo,
Quem vê dessemelhante
De seu ser natural
Aborrece com um ódio capital,
E o que vê semelhante
À sua arte fera
Celebra, louva, busca, honra e venera.

O mal do que conhece,
Por seu apaixonado,
Inda que seja mal nunca lho chama,
O bem do que aborrece,
Por pouco afeiçoado,

Posto que seja bem sempre o infama;
Porque ele não afama
A coisa de que gosta
Por ser a coisa bela,
Senão segundo o gosto que tem dela,
E se dela desgosta,
Inda que seja boa,
Posto que soe bem, nunca lhe soa.

Que como quase todo
Não tem própria eleição
Funda seu parecer sobre seu gosto,
E com grosseiro modo,
Com escura razão,
Não pode ver das coisas mais que o rosto,
E assim toma desgosto
Muitas vezes do bem
Só de o ver vestido
De humilde traje, vil, mal guarnecido;
Porque os olhos não tem,
Nem põe no bem intestino,
Que faz do mais humilde mais divino.

Se o tendes por amigo,
Por serdes vicioso,
Dura a amizade enquanto o vício dura,
Mas vêde-lo inimigo
Se vos vê virtuoso,
Só de vos ver mudada a vestidura,
Nem inda vos atura
Enquanto dura a sorte
Perversa e viciosa,
Se se vos muda a sorte venturosa,
Que então é como a morte
Que do pobre se ausenta,
No tempo que lhe serve e lhe contenta.

Ou isto é verdade,
Alcide caro amigo,
Ou deixa de o ser o que me escreves,
Bem que tua vontade

Acerca do que sigo,
No que me mostra, mostra o que me deves.
Porém se tu te atreves
A vencer pelejando,
Em campo resistindo,
Eu cá sem pelear venço fugindo,
Que nesta guerra em que ando
Melhor sabe vencer
Aquele que melhor sabe temer.

Como qués que apareça
Ao imortal inimigo?
Como queres que louve a um tirano?
Como qués que conheça
Por seguro o perigo,
E por verdade o que é patente engano?
Por proveito, meu dano,
Por honrosa, a baixeza?
Por grato e conhecido,
O ingrato cruel e fementido?
Por certa, a incerteza?
Enfim por amator,
O que é falso e fingido adulator?

Como queres que cante
A gente que não ouve?
Como queres que faça a musa humana?
Que minha voz levante
E que com ela louve
A quem nem co esperanças vás me engana?
Se a música profana
Melhor se apremiara,
Não era o erro tanto
Abaixar pelo prêmio o alto canto,
Mas se eu assim cantara
Tivera o prêmio humano
Que teve o grão cantor do Oceano.

Se a mente às Musas dada
O prêmio lhe tirou
Do esforçado braço às armas feito,

Como será estimada
A musa que cantou
Fundada só no verso mal aceito?
Mas que fosse perfeito
De um curioso ser
A vontade do mundo
Inchado, fabuloso, vão e jocundo,
Sempre havia de ter
De poeta a estrela,
Que quando chega a muito chega a vê-la.

Fizera-me erudito,
Às vezes fabuloso,
Para ficar ao mundo mais aceito,
Mas não me sofre o espirito
Altivo e generoso
A baixos versos dar baixo sujeito,
Mas com outro respeito
Mais alto e soberano,
Sem palavras inchadas,
Verdades só verás de mim cantadas,
Sem estilo profano
Que tive por indino
Do verso, mau por meu, bom por divino.

Desejas-me louvado
À custa de louvar
Àqueles que merecem repreendidos?
Queres-me levantado?
Mas é como abaixar
A vis e baixos fins altos sentidos,
Dar louvores fingidos
A ùa natureza
Grosseira e imperfeita,
Coisa é que um doido faz, e um néscio aceita,
Porém minha rudeza,
Doutro modo limada,
Nem deseja louvar, nem ser louvada.

Cá nesta seca terra
Por onde o sol ardente

Passa (por nosso mal) tão sequioso,
Que o rio, como a serra,
Deixa na mor corrente,
Onde ele sempre vai mais furioso,
Neste clima penoso,
De grilo é o meu canto,
A todos escondido,
E calo-me se sinto ser sentido,
A voz nunca levanto,
Porque inda que é de grilo
Já eu o persegui só por ouvi-lo.

De câmara cantando
Só a Deus que me ouve,
A Deus por prêmio de meu canto tenho,
Tão alto ser louvando
Não é razão que louve
Ao mortal sujeito, o vivo engenho,
Se engenho vivo tenho,
Como tu apregoas,
Se não por que hei de soar
Se eu não tenho voz para cantar?
Tu só por ambos soas
Mas dão-te por teu canto
Alguns que mais te dão louvor e espanto.

Mas por esta moeda
Nunca tu comprarás,
Por mais que dela vais enriquecendo,
Bom pano, nem má seda,
Nem também ganharás
Os bens que a vida breve vai mantendo;
Nem inda irás tendo
Inteiro este louvor
Sem pagares pensão,
Porque uns te tiram o bem que outros te dão,
Assim mistura a dor
Da praga o maldizente
Com gosto do louvor que dá o prudente.

Se o rei me não conhece
Por estes termos tais
Do Rei que é Rei dos Reis sou conhecido,
Este me favorece
Para que estime mais
O desprezo do bem, que o bem fingido,
Pois sou só dele ouvido,
Só a Deus cantarei,
Porque só nele vejo
Pagar como boa obra o bom desejo,
E muito estimarei
Concederem-me os Céus
Poder na terra ser cantar de Deus.

Como minha tenção
É aceitar estado
Em que se cantam hinos soberanos,
Fica imperfeição,
Querendo ser sagrado,
Cantar antes de o ser versos profanos,
Porque causa mil danos
O verso que é de amor
A seu autor primeiro,
Porquanto o faz servir de alcoviteiro
Quem não sabe compor,
E com razões alheias
Vem a executar pretensões feias.

Igual te fora a ti, Alcide amigo,
Fazer a musa tua soberana,
E não dar a tua arma a teu imigo,
Com que te ofende, fere, agrava e dana:
Bem sei que entenderás isto que digo,
Que pode dar a Homero a fama humana
Se, onde esteve já, é celebrado
E onde agora está é castigado?

Justa pretensão fora de quem ama
A fama ou o louvor que no ar soa,
Se este louvor seu ou esta fama
Lhe houvera de dar mais que o ar que voa;

Tudo abate o mundo tudo infama
Inda que parte dele ao bem perdoa,
Mas se um louvor vos sobe ao Reino eterno
Vem praga que vos mete no inferno.

Já nesta nação nossa a qual atenta
Por quanto um homem tem quanto possui,
[—————] o mal pequeno se acrescenta
E onde o grande bem se diminui,
Se alguém seu ser com seu trabalho aumenta
E mais algum louvor a si atribui
De dois ou três prudentes é louvado
E de mil invejosos praguejado.

Logo errado fica o pressuposto
De quem se põe a cantar por seu respeito,
Pois dando com seu canto inteiro gosto
Lhe dão louvor partido e imperfeito;
Além de ter a mágoa e o desgosto
De redundar seu verso em seu despeito,
Mas quem de prêmios vãos só se contenta
Por castigo depois os exprimenta.

Com haver tão largo tempo que se usa,
Coisa que me não faz pequeno espanto,
Não ter nenhuma humana e leda musa
Algum humano prêmio de teu canto,
Não sei se podem dar alguma escusa
De não subir coa voz ao Reino Santo
Pois que sendo da terra perseguidas
Não querem ser do Céu favorecidas.

Se o mundo amator de desatinos,
De mentiras, de males e de enganos
Não gostasse me ouvir versos divinos,
Nem eu de lhe cantar versos profanos,
Se os não sente ser de louvor dinos
Porque não seguem os gostos dos mundanos,
A causa por que o mundo me repreende
A mesma é a razão que me defende.

Tão cega à razão traz e tão danada
De falsos e de vis contentamentos,
Que quer té a verdade misturada
Com vãos e fabulosos fingimentos;
Não sofre ser a musa celebrada
Quando não satisfaz a seus intentos,
Que como só do mal tem grande fome
Nunca gosta do bem porque não come.

Os seus sequazes brutos e invejosos
Festejam entre si mais por inteiro
A fábula dos deuses mentirosos,
Que a verdade de um só Deus verdadeiro;
E como estes tais são odiosos,
A quem verdades só tira a terreiro,
Assim eu lho serei, porque é costume
Não ter a água nunca paz com lume.

Mas para estes tais nada componho,
De quem nem me agravo, nem me ofendo,
E posto que dos versos me envergonho,
Desta minha tensão não me arrependo;
Acabará da vida o breve sonho
Cuja vã brevidade mal compreendo,
Veremos qual dos dois mais glória tira
Ou quem cantar verdade ou quem mentira.

Dizes que ponha a pena em grave história
Aonde o bom engenho mais se apura,
Mas onde está a ventura ou a vitória
Que possa à pena dar qualquer ventura?
Se nem a musa humana, humana glória,
Concede a quem a quer, quem a procura,
Por que hei de dar ao canto baixo foro
Se o prêmio do tal canto há de ser choro?

Para que hei de cantar pragas tão grossas,
Calamidades tantas e tão feias,
Pois não posso cantar misérias nossas
Sem celebrar também glórias alheias?
Que posso eu cantar que tu não possas?

Se tu, que as musas todas senhoreias,
Não cantas só por não cantar chorando
Por que hei de chorar eu indo cantando?

Para que hei de cantar males antigos
Cujo rigor inda hoje assombra e espanta
Se não há que cantar senão castigos,
Os quais inda castigam a quem os canta?
Pois tudo são trabalhos, são perigos,
Que de novo na terra o mal levanta,
Para o Céu pertence ir só fugindo
Pois parece que vem o céu caíndo;

Que quando Deus persegue o reino humano
É por que a gente toda perseguida
Se acolha para o reino soberano,
Aonde salve a alma, salve a vida,
E onde com prudente desengano
Viva de armas celestes guarnecida,
As quais na terra dão sempre a vitória,
No céu, o galardão, a palma e glória.

BALTAZAR ESTAÇO

A um poeta

Cantando se renova o pensamento
Do bem que nos ficou só na lembrança,
Cantando se acrescenta a esperança
Do gosto que enterrou nosso tormento.

Cantando se levanta o alto intento,
O qual caiu coa dor que sempre o cansa,
Cantando se modera a esquivaça,
Da pena que se pôs no entendimento.

Também o vulgo diz que o fado adverso
Costuma de espantar quem quer que canta,
Julgando que o mau fado foge ao canto,

Mas deve ser tão doce o vosso verso
Que não vos quer fugir porque se espanta,
Mas quer-vos sempre ouvir de puro espanto.



A certa pessoa lasciva

Se vós víreis donzela que amimava
Uma serpe cruel que a ofendia,
E que esta mais amava, e mais queria,
Sem embargo do mal que lhe causava,

Se vísseis que esta mesma a quem amava,
Em pago deste amor a destruía,
E tanto com mor fúria a perseguia,
Quanto com mores mimos a afagava,

Não pasmáreis de ver que estava entregue
A tal serpe donzela, que se entende,
Pois vede que essa carne essa alma mata,

Que, quanto mais a honrais, mais vos persegue,
Quanto mais a mimais mais vos ofende,
Quanto mais a servis pior vos trata.

A um galante afeiçoado

Bem como capitão experimentado
Em armas e em batalhas sanguinosas,
Que depois de vitórias mui honrosas
Torna de novo a ser simples soldado,

Aprende o mal em que era agraduado,
Buscando brigas cíveis e afrontosas,
Tornando a estudar as perigosas
Lições, que já sabia, e tinha dado:

Assim me pareceis nestes favores
Com que vós enganais, ou vos enganam,
Que cedo serão mágoas, serão dores,

Depois de experimentardes desfavores,
Saber o quanto custam, e quanto danam,
Tornais a começar de novo amores.

DIOGO BERNARDES
Ao conde de Idanha

Se foi sempre dos grandes mui usado
Dar honra e dar favor a todo engenho,
Razão tenho, Senhor, se eu algum tenho,
De ser de vós favorecido e honrado.

E só nesta esperança confiado,
A descansar à vossa sombra venho,
Com espírito quieto me detenho
Já noutra ocupação, noutra cuidado.

De vós cantar queria o que se estima
No céu e a terra espanta, mas o verso
A tão alta empresa mal se atreve:

Mas Febo para vós me dará rima
Tal, que se entenda por todo o universo,
Que o bom da nossa idade a vós se deve.

FERNÃO RODRIGUES LOBO SOROPITA

Aos amantes de freiras

Importunos amantes de convento,
Que com vento contrário navegais,
E que bebendo o vento sempre andais
Pelo que menos é que o mesmo vento,

Por mais que a vosso leve pensamento
Sobre o vento por popa, não ficais
Mais que correndo à vela, sem ter mais,
Que ter a causa à vista do tormento.

Passar serras, montanhas e aspereza,
Grades estreitas, abadessa esquiva,
Cornos de cada dia, ingrata freira,

Transtornar o comum da natureza,
Ter liberdade em ferros tão cativa
É gosto falso e pena verdadeira.

FERNÃO RODRIGUES LOBO SOROPITA

Damas de corte, em cujas arandelas,
Copetes, fraldelhins e verdugadas
Se escondem mais peçonhas disfarçadas
Do que nas aparências partes belas,

Antes quero serranas mui singelas,
No vestir e falar pouco atiladas,
Que a vossas falsas pílulas douradas,
Compostas de invenções e de cautelas.

As simples aldeãs bem parecidas,
Para mais de três coisas tem virtude,
Que são mui desiguais no vosso trato,

Estas mostras que dão não são fingidas,
São mui medicinais para a saúde,
Dão melhor gosto, acendem mais barato.

HEITOR DA SILVEIRA

A André Falcão de Resende

No furioso e cruel mar, em que ora
Vou sujeito a perigos, e apartado
Daquela doce imiga, que o cansado
Esprito meu sossega, onde a alma mora,

André, crescendo em mim vai de hora em hora
A luz do fogo teu, da qual guiado,
Seguindo alegre vou do alto e sagrado
Parnaso a oculta via a mim té agora.

Também do grande Antônio o claro lume
Tirado o véu me tem da vista cega
Com seu engenho claro, grave e brando.

E assim quem me arder faz, e me consume,
O repouso me dê, que me ora nega,
Como de ambos igual, irei cantando.



[Ao vice-rei da Índia, Conde de Redondo]

Vossa Senhoria creia
Que não apura o engenho
Fome, se é como a que tenho,
Mas afraca e corta a veia.
E quem o contrário sente
Está farto em toda a hora,
Como estou faminto agora.
Mas, Marta, se está contente,
Dá-lhe pouco de quem chora.

E pois Vossa Senhoria
Em geral a tudo acode,
Acuda a mi, que só pode,
Dar-me no engenho valia.
Esperte esta musa minha,
Que o tempo traz sonolenta;
Valha-me nesta tormenta
Com essa doce mezinha,
Que só dá vida e a contenta.

Acuda com provisão,
Não de papel, mas provida
De ouro e prata; que esta vida
Não sustentam papéis, não.
De feitor a tesoureiro,
Ser-me-ia trabalho grande.
Vossa Senhoria mande
Algum remédio, primeiro,
Com que a morte o ferro abrande.

LUÍS DE CAMÕES
[Pedido ao vice-rei, a favor de Heitor da Silveira]

Nos livros doutos se trata
Que o grande Aquiles, insano,
Deu a morte a Heitor troiano;
Mas agora a fome mata
O nosso Heitor Lusitano.
Só ela o pode acabar,
Só essa vossa condição,
Liberal e singular,
Não mete entre eles bastão
Bastante para o faltar.

~
*Esparsa a um fidalgo na Índia que lhe tardava
com uma camisa galante que lhe prometeu*

Quem no mundo quiser ser
Havido por singular,
Para mais se engrandecer,
Há de trazer sempre o dar
Nas ancas do prometer.

E já que Vossa Mercê
Largueza tem por divisa,
Como todo o mundo vê,
Há mister que tanto dê,
Que venha a dar a camisa.

~
Trovas que mandou com um papel de alfinetes a uma dama

Estes alfinetes vão
A vos picarem, não mais,
Só por que julgueis então
O como me picarão
Os com que vós me picais.

Mas os que dessas estrelas
Vêm têm pontas tão agudas
Que, em que estoutros vão com elas,
Podem-vos dar picadelas,
Mas os vossos dão feridas.

Assim que, se bem notais
No como ambos debatem,
Nunca podem ser iguais,
Que, inda que esses lá maltratam,
Estes cá maltratam mais.

Porém, já que Amor consente
Em piques tão desiguais,
Onde vós sois mais valente,
Eu, Senhora, sou contente
Do que vos contentar mais.

Venham os alfinetes cá
Desses olhos, por que acertem
Donde acerto já não há,
Porém os meus que vão lá,
Só quero que vos apertem.

E deixando o mais passado,
Fazei que este papel seja
Pregado, digo, empregado,
Porque do seu gasalhado
Eu mesmo lhe tenho inveja.

E se eles em vós se pregam,
Por força os hei-de invejar,
Não só porque bem se empregam,
Mas porque, Senhora, chegam
Onde eu não posso chegar.

Lá vão, e lá ficarão,
Adonde continuamente
A par de si vos terão,
Enfim, lá vos picarão,
Eu cá picarei no dente.

PERO DE ANDRADE CAMINHA

À senhora Leonor da Costa, mandando-lhe umas trovas minhas para cantar

Essas palavras, Senhora,
Foram nascidas em vão
Do que a triste alma chora,
Do que sente o coração.
Foram de mim bem choradas,
Nunca moveram brandura,
Se fossem de vós cantadas
Teriam grande ventura.



A uma feíssima

Feia se falas és, feia calada,
Ouvindo feia, feia respondendo,
Feia branda pareces, feia irada,
Negando feia, feia prometendo,
Feia toucada, feia destoucada,
Com frio feia, feia em calma ardendo,
Feia contente, feia descontente,
Em tudo sempre feia a toda gente.



Ao Padre Frei Bartolomeu Ferreira com os meus versos para os examinar

Para poderem ser de ti aprovados
Meus versos, e de todos bem ouvidos,
Devem primeiro ser de ti emendados
Com mão d'amigo, e com cuidado lidos.
Serão com tua lima confiados,
Com tua aprovação bem recebidos.
Daquela ficarão cultos e puros,
Com esta poderão correr seguros.



A João Lopes Leitão estando preso em sua casa por entrar uma porta a ver as damas contra a vontade de um porteiro

Inda hoje vim a saber
Que se agora vos não vemos
É porque quisestes ver
O que todos ver tememos.
Mas já sei que por extremos
É necessário fazê-los,
Pois nunca se chega a vê-los
Se os, Senhor, não cometemos.

Deu-vos o que cometestes
Forçado do coração,
Prisão, mas pois o fizestes
Tende-a por bom galardão.
Os soltos todos dirão,
Se entendem essa ventura,
Que morre toda soltura
De inveja de tal prisão.

JOÃO LOPES LEITÃO

[Resposta a Pero de Andrade Caminha]

Bem pudera eu sofrer
O trabalho em que me vejo,
Se ver quem tanto desejo
Me a mim não foram tolher.
Que antes me quero perder
Por ver o que mais tememos,
Que deixando de o ver
Viver seguro d'extremos.

Estou-me agora doendo
De quem tiver para si
Que é melhor andar vendo
Verduras, que estar aqui.
Ninguém haja dó de mi
Por me ver nesta prisão,
Haja-o de meu coração
Que vê tanto dano em si.

VASCO MOUSINHO DE QUEVEDO DE CASTELO BRANCO

Ao Reitor Antônio de Mendonça

Neste árduo labirinto onde me guio
Sem esperança alguma de saída,
Mostrai, Senhor, o fio à minha vida
Pois está minha vida já no fio.

Incertos passos, hórrido desvio,
Medonhos ares, confusão crescida
Me trazem com temor desfalecida,
E dela já de todo desconfio.

A vós só tem minha esperança morta
Se morta pode ser uma esperança,
Que vos tem vivo e largos anos tenha.

Se espera mal, e ser queimada importa
Por crer mais do que pode e cá se alcança,
O fogo ponde, que eu lhe ajunto a lenha.



Ao Reitor Antônio de Mendonça

Famoso Alcides, que nos ombros altos
Esta soberba máquina sustentas,
E de Atlante a pessoa representas,
Que nunca de virtude os achou faltos.
Seguros, sem temor, sem sobressaltos,
Andem quantos por teus experimentas,
Que apesar de mil hórridas tormentas
Resistiram contigo a seus assaltos.
Com tais ombros suster o mundo podes,
E se hoje te deténs neste trabalho
É um ensaio para mores cousas,
Que como a todo peso sempre acodes,
E vás subindo acima por atalho,
Para cansares mais, aqui repousas.

ANÔNIMO

Trova de um homem a outro, mandando-lhe uma alcachofra

A condição deste fruto
É como de homens que eu vi
Que prometem de si muito
E dão mui pouco de si.
Sabe bem e mais faz mal
A quem come muito dele,
Quer-se comido com sal,
Homens há em Portugal
Que se parecem com ele.

IV – OS TRISTES

ANTÔNIO FERREIRA

Despojo triste, corpo mal nascido,
Escura prisão minha e peso grave,
Quando, rota a cadeia e volta a chave,
Me verei de ti solto, e bem remido?

Quando, co espírito pronto, aos céus erguido
(Depois que est'alma em lágrimas bem lave)
Batendo as asas, como ligeira ave,
Irei aos céus buscar meu bem perdido?

Triste sombra mortal, e vã figura
Do que já fui, uns dias só sustida
Daquele espírito por quem cá vivia,

Que te detém nesta prisão tão dura?
Não viste a clara luz, a santa guia,
Que te lá chama à verdadeira vida?

BALTAZAR ESTAÇO

Já não quero soltar meus pensamentos,
Nem quero que me enganem meus cuidados,
Nem que me lembrem já gostos passados,
Nem quero que me cansem meus tormentos.

Não quero buscar vis contentamentos,
Nem quero sofrer maus entronizados,
Nem ver males por bem representados,
Nem quero festejar baixos intentos.

Não quero entender que a paz é guerra,
Nem quero já esperar, que já não espero,
Nem me quero mudar deste desenho,

Não quero crer que é ouro o que é só terra,
De tudo quanto quis já nada quero,
Porque tudo o que quero tudo tenho.

BERNARDIM RIBEIRO

Para tudo houve remédio,
Para mim só o não houve aí,
Inda mal que o soube assi.

Fogem as vacas para a água
Porque a mosca as vai seguir,
Eu só triste em minha mágoa
Não tenho onde fugir:
Daqui me não posso eu ir,
Estar não me cumpre aqui
E o que eu quero não no há í.

Em mentes a calma dura
Tem esta fadiga o gado,
A manhã a pasce em verdura,
A tarde em seco prado:
Dorme a noite sem cuidado
Que tudo achou para si,
Descanso eu só o perdi.

A mim nem quando o sol sai
Nem depois que se vai pôr,
Nem quando a calma mor cai
Nem me deixa minha dor:
Dor e outra coisa mor,
Convosco hoje amanheci,
Convosco ontem anoiteci.

Crendo que assim acabaria,
Dei-me todo ao que padeço,
Um dia leva outro dia
Por um mal outro conheço:
Se o fim responde ao começo
Ai quão mal que me provi
Que no começo o fim vi.

Se nasci por meu mal ver
E não por vê-lo acabado,
Melhor fora não nascer

Que ver-me desesperado:
E pois que este meu cuidado
Me trás tão cego após si
Inda mal que o soube assi.

Entre lágrimas e pranto
Nasceu o meu pensamento,
Cresceu em tão pouco tanto
Que é mais alto que o tormento:
Pois não é coisa de vento,
Mal faz quem me esquece assi,
Que após mim não há outro mi.

Vai-se tanto prolongando
O fim do que espero,^h
Que a vida me vai gastando,
Pois já dela desespero:
Fortuna me vai guiando
Contrária sempre de si,
Não sei para que nasci.

CRISTÓVÃO FALCÃO

[...]

Os tempos mudam ventura,
Bem o sei pelo passar,
Mas por minha grã tristura
Nenhuns puderam mudar
A minha desventura:
Não mudam tempos nem anos
Ao triste a tristeza,
Antes tenho por certeza
Que o longo uso dos danos
Se converte em natureza.

[...]

Todos os contentamentos
Da minha vida passaram,
E enfim não me ficaram
Senão descontentamentos
Que de mim se contentaram:
Destes, pelo meu pecado
(Inda que nunca pequei
E a quem amo e amarei),
Nunca desacompanhado
Me vejo nem me verei.

Faz-me esta desconfiança
Ver meu remédio tardar,
E já agora esperar
Não ousa minha esperança,
Por me mais não magoar:
Se por isto desmereço,
Dê-se-me a culpa assim
E seja só com a fim,
Que há muito que me conheço
Aborrecido de mim.

Meu coração, vós abristes
Caminho a meus cuidados,
Para virem a ser banhados
Na água de meus olhos tristes,
Tristes, mal galardoados:
Necessário é que vamos
Algun remédio buscar
Para se a vida acabar,
Este bem que desejamos,
Este nosso desejar.

Iremos pela estrada
Por onde os tristes vão,
Porque nela por razão
Deve ser de nós achada,
Achada consolação:
Subir-me-ei ao pensamento,
Que alto de ali verei,
Verei ou se poderei
Ver algum contentamento
De quantos perdidos hei.

[...]

DIOGO BERNARDES

Depois de tantos dias mal gastados,
Depois de tantas noites mal dormidas,
Depois de tantas lágrimas perdidas,
Tantos suspiros vãos, vãmente dados,

Como não sois vós já desenganados,
Desejos, que de coisas esquecidas
Quereis remediar minhas feridas,
Que Amor fez sem remédio, ou os meus fados?

Se não tivéreis já experiência
Das sem razões de Amor, a quem servistes,
Fraqueza fora em vós a resistência,

Mas pois por vosso mal seus males vistes,
Os quais não curou tempo nem ausência,
Que bem dele esperais, desejos tristes?

FERNÃO CORREIA DE LACERDA

Sou um vivo sepulcro de esperanças,
Pobre mortalha de uma triste vida,
Bem empregada, porém mal perdida
Entre ingratidões e entre mudanças.

Um campo de batalha, e de vinganças,
Sombra vã do que fui, de mim temida,
Tróia abrasada, e nunca consumida,
Na cinza de tão justas confianças.

Lastimo a quem me vê, sepulcro e sombra,
Campo, mortalha, Tróia, e só me estima
Por fábula do mundo e passatempo,

A ti, ingrata Lises, só não assombra,
E quando assombra, nunca te lastima
Este monstro de amor, fortuna e tempo.

∞

Duro mal, dura paga, duro estado
De um grave pensamento, sorte dura,
Misérias tão cativas da ventura,
Trabalhos tão sujeitos a um cuidado,

Lembranças de um só bem tão mal pagado,
Memórias deste dano que inda dura,
Melhor vos fora já ter sepultura
Que perseguirdes tanto a um sepultado.

Não tendeis por vitória mal tão forte
Que eu costumado estou a nome tal,
O menos mal que temo é minha morte.

Aqui podereis ver quão pouco val
Descuidos, desfavores, dura sorte,
Que quem nasceu sem bem, não teme mal.

FERNÃO ÁLVARES DO ORIENTE

Gastando se me vai de lança em lança
A vida, que à mor pressa vai correndo,
O tempo em variedades mil despendo
Té que à vida me outorgue o Céu remanso.

Trabalho quanto posso, mas alcanço
O contrário daquilo que pretendo,
Que então me foi descanso falecendo
Quando cuidei que tinha mais descanso.

Vendo-me pois assim tão peregrina,
Métida no sertão destes enleios,
Incerta entrego as rédeas à ventura,

Que outro cuidado, qu'alma ao Céu me inclina,
De novo me propõe por vários meios
A quanto se dispõe quem se aventura.

FREI AGOSTINHO DA CRUZ

Ao triste estado

Passa por este vale a primavera,
As aves cantam, plantas enverdecem,
As flores pelo campo aparecem,
O mais alto do louro abraça a hera,

Abranda o mar, menor tributo espera
Dos rios, que mais brandamente descem,
Os dias mais formosos amanhecem,
Não para mim, que sou quem dantes era.

Espanta-me o porvir, temo o passado,
A mágoa choro de um, doutro a lembrança,
Sem ter já que esperar, nem que perder.

Mal se pode mudar tão triste estado,
Pois para bem não pode haver mudança,
E para maior mal não pode ser.

LUÍS DE CAMÕES

Males que contra mim vos conjurastes,
Quanto há de durar tão duro intento?
Se dura porque dura meu tormento,
Baste-vos quanto já me atormentastes.

Mas se assim porfiais, por que cuidastes
Derrubar meu tão alto pensamento?
Mais pode a causa dele, em que o sustento,
Que vós, que dela mesma o ser tomastes.

E pois vossa tenção com minha morte
Há de acabar o mal destes amores,
Dai já fim a tormento tão comprido,

Porque de ambos contentes seja a sorte:
Vós, porque me acabastes, vencedores,
E eu, porque acabei, de vós vencido.

PERO DE ANDRADE CAMINHA

Passa o dia e a noite, o mês e o ano,
Segue ao brando verão o inverno duro,
O dia agora é claro, agora escuro,
O sol ora aproveita, ora faz dano.

Na calma à doce sombra o alegre engano
De seu amor, chora a ave em canto puro,
Depois o tempo que em nada é seguro
Lhe dá triste silêncio e desengano.

Tudo tem suas mudanças, corre o tempo
Ora assim, ora assim, se de dureza
Ontem usou, hoje usa de brandura.

Em mim só ũa tristíssima tristeza
Sinto sempre tão firme, grave e dura,
Que não abranda ou muda ano nem tempo.

VASCO MOUSINHO DE QUEVEDO CASTELO BRANCO

A uma esperança mal sucedida

Do bravo mar aonde às voltas ando
Ora temendo as ondas, ora o vento,
Na esperança maior de salvamento,
A minha barca vai à costa dando.

Pus os olhos na costa, imaginando
Achar remanso de perigo isento,
Vendo porém frustrado o pensamento,
Louvo o mar já demais seguro e brando.

Ai fementido Amor, amor tirano,
Que onde minha esperança tinha posta
Me trouxeste a fazer naufrágio amargo.

Porém inda comigo foste humano,
Que mais quero perder-me dando à costa,
Que andar com mil temores em mar largo.

Triste do que em tristeza passa o dia,
Feliz porém se a passa e enfim lhe passa,
Mas quem ventura teve tão escassa
Que em nada ache prazer nem alegria?

Nos ais, alívio tem quem n'alma os cria,
A quem em trevas vive a luz dá graça,
Há quem do fogo e sol se satisfaça
E quem se satisfaça d'água fria.

Restaura o ar, na calma, o fraco alento,
Conforta o cheiro de uma flor suave,
Convida a sombra, a erva a grato assento,

Suspende da ave o canto a pena grave;
Ai, que não aliviam meu tormento
Ais, luz, sol, fogo, água, ar, flor, sombra, erva, ave.

Dizeis que alcançastes e perdestes
Um bem que muito tempo procurastes,
Se entre todos os males, mal achastes,
Que comparação possa ter com estes?

Dizeis que entre outros males que tivestes
Nenhum mal tão cruel experimentastes
Como perder um bem que já lograstes,
Pois então mais que nunca lhe quisestes.

E se é mais grave o mal, quanto é mais raro
O bem que se perdeu, julgai qual seja
Meu mal, pois que meu bem não teve igual.

Isto faz que duvide o que deseja
Alcançar, pois enfim custa tão caro,
Inda que é certo o bem, e incerto o mal.

Que mal é este meu tão diferente?
Não é dos males grandes natureza
Ou se acabarem logo sem firmeza,
Ou acabarem logo a quem os sente?

Seu natural costume não consente
Minha ventura, pois minha fraqueza,
Como dura, do mal tem fortaleza
Por mais tempo sentir meu acidente.

Sou qual Fénix que morre e ressuscita
Ou como Prometeu que lá se queixa,
E por sentir mais dor se não consume.

Não dizem que o costume e tempo incita
A não sentir-se a dor; té nisto deixa
O tempo e o costume seu costume.

V – DEDICATÓRIAS E LOUVORES

FREI AGOSTINHO DA CRUZ

A quem ler

Os versos que cantei importunado
Da mocidade cega a quem seguia
Queimei (como vergonha me pedia)
Chorando por haver tão mal cantado.

Se nestes não ficar tão desculpado
Quanto o mais alto estilo requeria,
Não me podem negar a melhoria
Da mudança que fiz dum noutro estado.

Que vai que sejam bem ou mal aceitos?
Pois não os escrevi para louvores
Humanos, pelo menos perigosos,

Senão para plantar em frios peitos
Desejos de colher divinas flores
À força de suspiros saudosos.



Ao autor [Diogo Bernardes], seu irmão

Do Lima, donde vim já despedido
Cavar cá nesta terra a sepultura,
Não sinto que louvar possa brandura
Sem me sentir turbar o meu sentido.

A lã de que me vêem andar vestido,
Torcendo em várias partes a costura,
Os pés que nus se dão à pedra dura,
Nem me deixam ouvir, nem ser ouvido.

O povo cujo aplauso recebeste,
Vendo teu brando Lima dedicado
A Príncipe Real, claro, excelente,

Louvará muito mais quanto escreveste.
De mim, meu caro irmão, menos louvado,
Louva comigo a Deus eternamente.

DIOGO BERNARDES

[Dedicando suas *Rimas* a Cristo]

Brando Senhor Jesus, as pias rimas
No discurso dos anos derramadas
A ti e à Virgem madre dedicadas,
Em várias ocasiões, em vários climas,

Aqui (para que tal favor lhe imprimas
Que sejam dos teus servos estimadas)
Juntas te são de novo apresentadas
Com fé e puro amor, que mais estimas.

E se nelas achar o pecador
Coisa de que se tanto satisfaça,
Que chore arrependido a culpa sua.

Disso graças te dê, dê-te o louvor,
A ti, de quem os bens, de quem a graça
Procedem por bem nosso e glória tua.



[Ao leitor de suas *Rimas várias, flores do Lima*]

Vós, que de amor cruel nunca sentistes
O fogo onde grão tempo ardi tremendo,
Que mil erros notais, estou já vendo,
Na lição triste destas rimas tristes.

Mas em vós, que vos vedes, ou já vistes,
Em sua viva chama andar ardendo,
Desculpa e piedade achar entendo
De quantas faltas nelas descobristes.

Dos mais por satisfeito me darei,
Se deste vão trabalho (o que duvido)
Colherem fruto algum, ou passatempo,

E quando assim não for, bem sofrerei,
Até de vós não ser bem recebido,
Em pena de tão mal gastado tempo.



Aqui de largos males breve história
Lede vós, desamados amadores,
Que para dar alívio em vossas dores
Das minhas quis deixar esta memória.

Escrevi não por fama, nem por glória,
De que outros versos são merecedores,
Mas por mostrar o mal dos meus amores
A quem neles de mim teve vitória.

Por tempo foi a dor crescendo tanto,
Que já de ser mui grande me moveu
A descobri-la em rimas pobres de arte,

Dei logo olhos a choro, língua a pranto,
A mão sem uso à pena, que escreveu,
De mil partes, da minha esta só parte.



Em louvor de Luís de Camões

[nas *Rhythmas*, de 1595]

Quem louvará Camões que ele não seja?
Quem não vê que cansa em vão engenho e arte?
Ele se louva a si só, em toda a parte,
E toda parte ele só enche d'inveja.

Quem juntos num espírito ver deseja
Quantos dons, entre mil Febo reparte
(Quer ele de Amor cante, quer de Marte)
Por mais não desejar, ele só veja.

Honrou a pátria em tudo, imiga sorte
A fez, com ele só, ser encolhida
Em prêmio de estender dela a memória.

Mas se lhe foi fortuna escassa em vida,
Não lhe pôde tirar depois da morte
Um rico emparo de sua fama e glória.

LUÍS DE CAMÕES

Enquanto quis fortuna que tivesse
Esperança de algum contentamento,
O gosto de um suave pensamento
Me fez que seus efeitos escrevesse.

Porém temendo Amor que aviso desse
Minha escritura a algum juízo isento,
Escureceu-me o engenho co tormento,
Para que seus enganos não dissesse.

Ó vós, que Amor obriga a ser sujeitos
A diversas vontades, quando lerdos
Num breve livro casos tão diversos,

Verdades puras são, e não defeitos:
E sabeis que, segundo o amor tiverdes,
Tereis o entendimento de meus versos.

PERO DE ANDRADE CAMINHA

Ao senhor Dom Duarte

Os meus versos buscam vida
Inda que a não merecem,
Para isto a ti se oferecem
Porque em mim tem-na perdida.
A teu nome oferecidos
Seguro nome terão,
Se por meus mal recebidos
Por teus se receberão.

∞

Ao livro

De ti te vejo livro mal contente
Porque te vês de poucos bem ouvido,
E então fora eu de ti mui descontente
Se te vira de muitos recebido.
Não sabes que é grão número o da gente,
E poucos os que tem Febo escolhido?
Antes dos poucos doutos sê emendado
Que dos muitos indoutos bem julgado.

VASCO MOUSINHO QUEVEDO DE CASTELO BRANCO

Ao Duque

A glória do edifício, o louvor alto
Do que a última mão lhe põe, se dobra
Em desgraça daquele, e mágoa da obra,
Que no melhor lhe foi escasso e falto.

Este de letras, com que ao Céu me exalto
E que em mim vossa mão levanta e obra,
Se sua perfeição por vós não cobra,
A todos causa mágoa e sobressalto.

Já que os andames da esperança minha
Não há quem desarmá-los hoje possa,
Fazei com que este meu trabalho monte.

Vós sereis minha glória, eu glória vossa,
Ficando à vista as que eu já n'alma tinha,
Vossas armas reais em minha frente.

∞

A Pedro de Mariz sobre o seu livro

Sentindo-se de força e vigor falta,
Mal a que o tempo enfim todos condena,
Renovar-se outra vez a águia ordena,
Abre as asas ao sol, e as nuvens salta.

Depois que lá se vê soberba e alta,
Lança-se ao mar com fúria não pequena,
E caíndo-lhe a velha e antiga pena,
De nova glória se reveste e esmalta.

Mar sois Mariz, a língua lusitana
É esta águia, que antiga se renova
E os ares sobre todas livre raia.

Temo-lhe o caso de Ícaro de ufana,
Mas se do sol queimada em mar o prova,
Será para que sempre nova saia.

VI – INIMIGO DE MIM

BERNARDIM RIBEIRO

Antre mim mesmo e mim
Não sei que se alevantou,
Que tão meu imigo sou.

Uns tempos com grande engano
Vivi eu mesmo comigo,
Agora no mor perigo
Se me descobre o mor dano.
Caro custa um desengano
E pois m'este não matou
Quão caro que me custou.

De mim me sou feito alheio,
Antre cuidado e cuidado
Está um mal derramado
Que por mal grande me veio.
Nova dor, novo receio
Foi este que me tomou
Assi me tem, assi estou.

BALTAZAR ESTAÇO
A certo propósito

Cercado de medonhos pensamentos,
Que voam sobre mim por meu castigo
Como núncios do mal e do perigo,
Em que me põem os vis contentamentos.

Vendo o fruto de meus leves intentos,
Que tanto a meu pesar andam comigo,
Os quais quando aborreço ou quando sigo
Com ódio, com amor, são meus tormentos.

Ordena o Céu que veja e que conheça
Que não posso eu de mim só defender-me,
Nem posso só comigo aliviar-me,

Porque ou eu me resista ou me obedeça
Nem fugindo de mim posso valer-me,
Nem vivendo comigo, contentar-me.

BALTAZAR ESTAÇO

Glosa

Do aborrecimento próprio

Comigo me desavim
Porque sou meu inimigo,
Nem posso viver comigo
Nem posso fugir de mim.

Tenho um ódio capital
Que dum amor nasce e vem,
Ambos meu sujeito tem:
Assim que eu quero-me mal,
Porque a mim me quero bem.

E como saiba de mim
Que este bem é meu imigo,
Causa foi mal a que vim,
Por vingar-me a mim comigo
Comigo me desavim

[....]



Do próprio aborrecimento

Que guerra tão cruel trago comigo,
Comigo de quem sempre ando ferido,
Pois para nunca ser de mim vencido,
A mim comigo mesmo me persigo.

Vou contra mim se não me contradigo,
Se não me ofendo, sinto-me ofendido,
E como sou de mim tão combatido,
De mim mesmo me fiz fero inimigo.

Vejo-me contra Deus duro adversário,
Com cuja disciplina só me instruo,
E assim nunca comigo me confirmo,

De mim mesmo me sinto tão contrário,
Que quando me reformo me destruo,
E quando me destruo, me reformo.

ESTÉVÃO RODRIGUES DE CASTRO

Em mim me busco a mim e não me alcanço,
Fujo de mim e a mim me vou seguindo,
À fortuna um desejo resistindo
Que caminha soberbo e torna manso.

E, se acaso ao que quero os olhos lanço,
Que o lanço é desigual estou sentindo,
Que quem nasceu para morrer pedindo
Até que morra pede (em vão) descanso.

Desejo a liberdade e sou cativo,
Os pés pesados de sentir os ferros
Que, quando se não vêem, são mais pesados.

Mas diz razão (se com alguma vivo)
Que há tantos males para tantos erros,
Mores castigos para mais pecados.



Quando me quis salvar dei num perigo,
Julgando por verdade o que era engano,
Provei, com mostras de remédio, um dano,
E depois de provado ainda o sigo.

Fujo um mal, que por força há d'ir comigo,
Que, quando é mais piedoso, é mor tirano,
Nestes enleios acho um desengano,
Com que me faço bem e me persigo.

E, como do veneno me mantenho,
Cansa-se a inveja, porque amor não cansa
Por quem ao que não quero me ofereço.

Publico males que em segredo tenho,
Crescem desejos, falta a esperança,
E, s'inda há mais extremos, mais padeço.

FRANCISCO SÁ DE MIRANDA

Cantiga sua

Comigo me desavim,
Sou posto em todo perigo,
Não posso viver comigo
Nem posso fugir de mim.

Com dor da gente fugia
Antes que esta assim crescesse,
Agora já fugiria
De mim, se de mim pudesse.
Que meio espero ou que fim
Do vão trabalho que sigo,
Pois que trago a mim comigo
Tamanho imigo de mim?

LUÍS DE CAMÕES

Outro [mote] seu

*De que me serve fugir
De morte, dor e perigo,
Se me eu levo comigo?*

Voltas

Tenho-me persuadido
Por razão conveniente,
Que não posso ser contente
Pois que puder ser nascido.
Anda sempre tão unido
O meu tormento comigo,
Que eu mesmo sou meu perigo.

E, se de mi me livrasse,
Nenhum gosto me seria,
Que, não sendo eu, não teria
Mal que esse bem me tirasse.
Força é logo que assi passe:
Ou com desgosto comigo,
Ou sem gosto, e sem perigo.

MARTIM CASTRO DO RIO

Perdi-me dentro em mim como em deserto,
Minh'alma está metida em labirinto,
E posto em tal perigo já me sinto
Cair noutro maior, nele encoberto.

Tenho o remédio longe, a morte perto,
Pois morro do que temo e do que sinto,
Se alguém me quer valer não lho consinto
Por vir o que receio a vir mais certo.

Nova invenção de mal, novo tormento,
Ser cutelo da vida a mesma vida,
Ser desatino usar do entendimento.

Vingai-vos dor cruel, mal conhecida,
Que à vossa custa sei do pensamento
Que em grande dor não há vida comprida.



Perdidos tantos anos na esperança
De um dia em que os houvesse por ganhados,
Buscando em vão descanso nos cuidados,
Querendo achar firmeza na mudança,

Cheguei no fim a tal desconfiança,
Que mais me cansam bens imaginados
Que males certos da alma apoderados,
Por quem a vida está posta em balança.

Tenho tomado os portos ao desejo,
Que apesar do passado e do presente,
Quer melhorar o estado em que me vejo,

Passar avante a dor não mo consente,
Que em tão fero tormento e tão sobejo,
Pouco sente quem diz tudo o que sente.

VASCO MOUSINHO DE QUEVEDO CASTELO BRANCO

Fujo de mim, quando me não precató,
Sem querer outra vez me acho comigo,
Tenho-me por suspeito e inimigo,
E comigo perpétua guerra trato.

Entrando em mim destruo, prendo e mato,
Mas eu quando me vejo em tal perigo
Contra mim me levanto, e me persigo
A ferro e sangue, sem querer contrato.

Por mim tenho os sentidos, que me acodem,
A razão coa vontade e coa memória
Sustentam contra mim outro partido.

Ai civil guerra sem despojo e glória,
Onde os que podem mais contra si podem,
Onde o que é vencedor fica vencido.



Desconhecimento de si na própria mudança

Quando às vezes a mim por mim pergunto,
Quem fui responde que me não conhece,
Com não ser, de quem sou me desconhece
E tem-me por defunto o já defunto.

Ele chora-me a mim, por ele ajunto
Com ele minhas lágrimas, e cresce
Uma com outra dor, pois se oferece
Chorarem quem já fui, e quem sou, junto.

Choro porque o não vejo qual o via,
Ele porque me vê, qual me vê chora,
De mim, e dele, só lágrimas há.

Espero por um dia, cada dia
Que ou acabe de ser quem sou agora,
Ou acabe o lembrar-me quem fui já.

VII – DEVOTOS

BALTAZAR ESTAÇO

Da paciência

Cativo de meu Deus meu pensamento
Tamanha glória tem de nunca a ter,
Que troca longos anos de prazer
Por um espaço breve de tormento.

Tão grande prazer tem meu sentimento
De sentir o pesar de padecer,
Que busca a pena, só por merecer
A glória, que lhe alcança o sofrimento.

Desta sorte meu mal é brando e duro,
De cuja pena e glória não careço,
Porque co mal o bem dele procuro,

Que quanto menos tenho, mais padeço,
E quanto mais padeço, mais me apuro,
E quanto mais me apuro, mais mereço.



Em ódio dos pecados passados

O gosto e o prazer me descontenta,
A pena triste e a dor me é mais aceita,
Pois que a passada pena me deleita,
E o deleite passado me atormenta,

O que mais me atribula me contenta,
E quanto alegre ao corpo a alma enjeita,
Que a larga vida causa a conta estreita,
Breve bonança trás longa tormenta.

Só trabalhos me lembrem, desastrados,
Que fizeram penosa a doce vida,
A qual quem tem pior tem melhor sorte.

Pois foram tão mortais gostos passados,
Que só sua lembrança consentida
Pode tornar de novo a dar a morte.

A uma freira descontente de seu estado

Qual ave brava, leve e furiosa,
Que na gaiola estreita foi metida,
A qual de sua fúria anda ferida
Por fugir da prisão que achou penosa.

Tendo a sustentação menos custosa,
Sem a querer tomar, perdeu a vida,
E sem poder fugir, anda fugida
Da paz que pode ter mais deleitosa.

Tal sinto essa vossa alma na clausura,
Na qual o bem que quer não pode havê-lo,
E o bem que pode ter não quer buscá-lo.

E assim perece em brava desventura:
Sem mundo, porque já não pode tê-lo,
Sem Deus, porque onde o tem não quer gostá-lo.

FREI AGOSTINHO DA CRUZ

Mostrai-me, meu Senhor, em que deserto,
Em que ribeira, vale, monte, ou serra,
Enquanto me deixais andar na terra,
Do Céu me deixareis andar mais perto.

Que, pois, ora encoberto, ou descoberto,
Me faz cruel imigo, cruel guerra,
De quanto dentro em mim mesmo se encerra
Lugar de defesa tenha mais certo.

Mas como e donde posso defender-me,
Enquanto for de mim acompanhado,
Com tanta experiência de perder-me,

Senão sendo metido em Vosso lado
Para todo de mim mesmo esquecer-me,
E só de Vós, meu Deus, ser lembrado?

VIII – CRÍTICOS

BALTAZAR ESTAÇO

Oitavas a um amigo que vivia e requeria na Corte

É muito natural de quem carece
Do bem que desprezou ou que despreza
Louvá-lo a quem o tem, porque conhece
Que louvado se ama, estima e preza;
E como bens mais altos apetece,
Toma de mor estado, mor empresa,
O bem que desprezou, esse festeja,
E o bem que não alcança, esse deseja.

Na corte em que morais louvais a fonte,
O monte, a solidão, bosque cerrado,
Na qual muito dizeis do prado e monte,
Mas muito mais se vê no monte e prado;
Por mais que ninguém diga, e mais que conte,
Não fica dito nada, nem contado,
Porque é o que se diz, morta pintura,
E o que se vê real, viva figura.

Eu cá no monte moro, e não com ele,
Vós na corte morais, mas é com ela,
Quem logra o monte logra o doce dele,
Quem sofre a corte sofre o agro dela;
Diga a corte do monte o bem que há nele,
Diga o monte da corte o mal que há nela,
Porque é regra direita de amizade
Que pague uma verdade outra verdade.

Aí por dar calor a uma esperança,
Que com dádivas grandes só se aqueça,
Se perde o que se tem, e não se alcança
Senão o que molesta, e que atormenta;
Aí se pesa tudo em tal balança,
Que na mão desigual só se sustenta,
E com tão mau fiel que o mais pesado,
Contra direito trás mais levantado.

De palavras se faz rica almoeda,
Que deixam pobres sempre os compradores,
Onde comprais co tempo, e coa moeda,
As esperanças vãs aos vendedores;
Gastais a vida, o pão, o pano, e a seda,
Desejos só vos dão como penhores,
Que cada qual por grande preço empenha
A quem ou gasta o tempo, ou desempenha.

Aí onde repousa a esperança,
À sombra da infâmia, e da desonra,
Onde a vosso pesar anda a privança
Tão alta que os pés traz sobre a honra;
Aí onde se tira o ferro à lança,
Que seu dono levanta, louva, e honra,
Onde os merecimentos se escurecem,
Com fantásticos lumes, que aparecem.

O fim da pretensão é duvidoso,
E o trabalho dela sempre é certo,
Mas se o mal vos afasta, que é penoso,
O aparente bem chega-vos perto;
O desejo do fim traz-vos mimoso,
Molesta-vos porém o vê-lo incerto,
E se sabe a proveito o falso engano,
Depois de experimentado sabe a dano.

Aí onde se vêem com liberdade
Andar todos os doidos desatados,
A quem ou a ciência ou dignidade,
Por mal de quem os vê, trás embuçados;
Detrás da vã mentira anda a verdade,
Para poder falar cos mais privados,
Aí vos é pesado, mas forçoso,
Rogar, fingir, temer, e estar queixoso.

Rogar a peito duro, e empedernido,
Que só com metais ricos se quebranta,
Em quem lançais algum, mas tão perdido
Que nem pode ser fito, nem ser manta;

Rogar por termo humilde, mas fingido,
Que vos abate a vós, outrem levanta,
Rogo que faz Senhor ao que é ouvinte,
E ao que roga faz pobre pedinte.

Fingir, andando sempre atormentado,
Para o alheio bem grande alvoroço,
Fingir que desejais de ser criado
De quem pudera ser criado vosso;
Fingir alegre rosto, a rosto irado,
Que vos desejais ver sem seu pescoço,
Fingir palavras vãs tintas com cores,
Que sendo elas de fel pareçam amores.

Temer que seja falsa a esperança,
Que tanto tarda, cansa, e tanto custa,
Temer que os bens, que a fama vos alcança,
Vos negue a corte ingrata, dura, injusta;
Temer que este temor que tanto cansa
Seja da esperança a paga justa,
Que sejam os cortesãos promettimentos
Sem nenhuma largura cumprimentos.

'Star queixoso de ver quanto alcançaram
Os que páreos em paz nunca correram,
Queixoso de ver bens que transbordaram,
Fora dos que estes bens não mereceram;
Queixoso de ver que inda não pagaram
Serviços que fiados se fizeram,
Queixoso porque o mau sem seu trabalho
Faz bigorna do bom, faz de si malho.

A terra em que repouso, em que descanso,
Na qual livres cuidados apascento,
Cento me dá, por um que nela lanço,
A corte dá-vos um, lançais-lhe cento;
Compra-se cá com gosto o que é descanso,
Comprais lá com desgosto o que é tormento,
O bem que tem o monte nunca o nega,
O mal que tem a corte sempre chega.

Depois que o mundo vão experimentastes,
Depois de ser por sorte despachado,
Medis o que vos deram, e o que gastastes,
E achais que o que trazeis que foi comprado;
Sabeis quão caro enfim tudo comprastes
Na corte, que vos tem desenganado,
Na qual, quando as mercês são muito largas,
Despacham só com cargos, que são cargas.

FERNÃO ÁLVARES DO ORIENTE

Discorra o peito avaro,
Sujeito a vários céus, do Tejo ao Indo,
As pedras adquirindo
Que a tantos adquirir custou tão caro,
Que eu do louro gentil a Febo caro,
E não do metal louro,
Faço meu cabedal e o meu tesouro.

IX – SATÍRICOS

FERNÃO RODRIGUES LOBO SOROPITA

Carta de um negro a uma dama com um soneto

Amor por vosso amor me açoita e pinga
E, depois de me ter por vós assado,
Cada vez contra mim mais emperrado,
Não sei que birras são as que em mim vinga.

O coração que nunca lhe respinga,
Às soltas que lhe pôs já costumado,
Quer mais emanquecer neste cuidado
Que quanto vem do Congo e de Mandinga.

Assim morro por vós, e tanto em graça
Tomais vós esta dor que me fastia,
Que não há quem de mim lembrar-vos faça.

Até que em tantos dias venha um dia
Que, queixando-me ao som de uma almofaça,
Me acabe de estirar na estrebaria.

FERNÃO RODRIGUES LOBO SOROPITA

Sátira contra o amor

Afuera, afuera, pensamentos mios!
Começo logo a entrar por castelhano,
Por ver se o canivete tem bons fios,

Amor é tudo burla, tudo engano,
Faz em cada baralha mil maçadas,
E sabe mais trejeitos que um cigano,

Com três bonançazinhas mal franjadas,
Mais falsas que promessas de alquimista,
Vos traz as esperanças enforcadas,

Cuidais que descobris grande conquista,
Vindes depois a achar-vos num deserto,
Faminto o gosto, e mais faminta a vista,

E se chegais coas coisas mais ao perto,
Mandai correr a folha ao bem passado,
Achar-lhe-eis mil querelas em aberto,

Que coisa é ver um parvo namorado
Surto a um canto donde enxerga a dama,
Conhece-o toda a rua, e anda embuçado,

[...]

Outro que em afeição todo se vaza,
E por nobreza só de seus cuidados
Tem diante de Amor cadeira rasa,

Traz seu par de conceitos afiados,
Que um dia ouviu no ralo a certas freiras,
E tem-se por farol dos avisados,

Outro que cursa à tarde entre as padeiras,
Com botinha picada e ramallete,
Preservativo contra as sardinheiras,

Namora-lhe os amores um grumete,
E não mantém por mais contra ele a guerra,
Que pela confiança do topete,

[...]

Outro que anda enfronhado entre os mais graves,
Com bigode legítimo barreto
Que de cá donde vai toca nas traves,

Mais hirto e mais agudo que um espeto,
Encerra-se a trovar um mês arreio,
E no fim dele sai com um soneto,

[...]

Outro, com seis arrobas de barriga,
Namora uma menina de dez anos,
Que lhe chora no colo e dá-lhe figa,

Tem setenta no rabo, e traz abanos
Copados de canudo de ordinário
E sai-lhe a bem-querença dos tutanos,

[...]

Mas para que é gastar mais papelada?
Quem topar com Amor, benza-se dele,
E empregue antes o seu em pinhoada,

Pois ninguém lhe saiu da mão com pele,
Com grande multidão de sentinelas
Cumpre que cada um dele se vele,

Quanto eu, dei em fechar-lhe as janelas
E juro que se me ele à porta chega
De lhe atirar com pratos e tigelas,

Enfadei-me de andar à cabra cega
Após um não sei quê que a bolsa lava
Nem sei por que monção se lhe navega,

Sei já como Amor pica, como trava,
E por que mais não possa entrar comigo
Cercado estou de barbacá e cava,

E se inda assim cair nalgum perigo,
Não dirão que caí por ter aberto
A pensamentos seus algum postigo,

E se alguém vos disser que não acerto,
Dizei-lhe que lhe seja eu escramento
Que sei que enquanto Amor tem descoberto
Mille piacheri no vaglino un tromento.

FESTAS BACANAIS: CONVERSÃO DO PRIMEIRO CANTO D' *Os Lusíadas* DO
GRANDE LUÍS DE CAMÕES, VERTIDOS DO HUMANO EM O DE-VINHO, POR
UNS CAPRICHOSOS

[Paródia ao primeiro canto de *Os Lusíadas*, por quatro
estudantes de Teologia em Évora, em 1589]

Borrachas, borrachões assinalados,
Que de Alcochete junto a Villa Franca,
Por mares nunca de antes navegados
Passaram ainda além de Peramanca,
Em pagodes e ceias esforçados,
Mais do que se permite a gente branca,
Em Évora cidade se alojaram,
Onde pipas e quartos despejaram.

Também as bebedices mui famosas
Daqueles que andaram esgotando
O império de Baco, e as saborosas
Águas do bom Louredo devastando,
E os que por bebedices valerosas
Se vão das leis do reino libertando,
Cantando espalharei por toda a parte,
Se a tanto me ajudar Baco e não Marte.

Cessem do Novelão, do grão Barbança
As grandes bebedices que fizeram;
Cale-se do Rangel e do Carrança
A multidão dos vinhos que beberam,
Que eu canto de outra gente e de outra lança,
A quem frascos de vinho obedeceram;
Cesse tudo o que a musa antiga canta,
Que outro beber mais alto se alevanta.

[...]

E vós, Fernão Gonçalves, segurança
Das festas de Lieu em esta idade,
Podeis atravessar com confiança
Quantas adegas há nesta cidade;
Vós, mano, nosso amor, nossa esperança,

A quem só prometemos lealdade,
Pois Baco a nós vos deu por coisa grande,
Seja a medida assim de quem a mande.

[...]

Ouvi, que não vereis com vãs façanhas,
Fantásticas, fingidas, mentirosas,
Louvar os vossos, como nas estranhas
Musas de engrandecer-se desejosas;
Bebedices dos vossos são tamanhas,
Que excedem as sonhadas fabulosas,
Que excedem ao primeiro vinhateiro,
E a Baco ainda que fora verdadeiro.

Por estes vos darei um Cláudio fero,
Que fez a Peramanca tal serviço,
Um fulano Coutinho que de mero
A borracha para ele só cobiço;
Pois pelos doze Pares dar-vos quero
Uns doze que sobre um pobre chouriço
Entornaram tão rijo que de cama
Um monte lhes serviu de esterco e lama.

[...]

X – UMA CORRESPONDÊNCIA POÉTICA:
ANDRÉ FALCÃO DE RESENDE E HEITOR DA SILVEIRA

ANDRÉ FALCÃO DE RESENDE

Sátira IX

A Heitor da Silveira, seu cunhado, estando na Índia

Que vos tem parecido, Heitor claríssimo,
Da nossa rica e ocidental Lisboa
Seu cetro e seu estandarte alongadíssimo?

Que sua colônia nobre, a oriental Goa?
Que, dos nossos antípodas morada,
Moçambique, Sofala? Que Quiloa?

Que a invencível Diu, em vão cercada
Tantas vezes do fero Turco imigo,
De avara morte a vosso pai roubada?

Que a quente Ormuz? E que o Cochim amigo?
Que a opulenta Ofiris, conhecida
Já das judaicas naus em tempo antigo?

Com quem Jerusalém enriquecida
Por seu grão rei então sendo, e já agora
Por nós ao suave jugo submetida;

As insígnias da Santa Cruz adora,
Malaca já chamada, coa mais gente,
Que a par do Ganges, Indo, Eufrates mora?

De rios e de mares tanta corrente,
De tantos reinos, ilhas, a verdade
Achastes lá da fama diferente?

Ou porventura a guerra e variedade
De tanta coisa enfim precedeira
Antepondes à paz, tranqüilidade,

À vida montanhês da Sovereira,
Agora na aspereza do alto monte
O javali seguindo, ou na ribeira;

Agora a par da cristalina fonte,
Que com sua frescura e linfas claras
Mil histórias passadas vos recontei;

E as doudas Irmãs nove, nunca avaras
Ali de sua doce companhia,
Guiando-vos a pena em coisas raras?

Gozamos ambos isto algum dia,
Muitos gozar podendo quietamente,
Mas, ah!, que a inquietação no-los desvia!

A cega de nossa alma, amigo absente,
De sede insaciável, nunca farta
Cos nossos, nem cos rios do Oriente,

Nos divide e tão longe nos aparta,
E faz que minha carta, mal escrita,
Do Tejo ao Ganges a buscar-vos parta.

Oh, tantálica sede! Oh, infinita,
D'ouro, que quanto mais foge e se encobre
Com mais fervor a persegui-lo incita!

Na áurea idade, rica por ser pobre,
Quando por mor riqueza se estimava
O justo e claro coração do nobre,

Do truculento mar a fúria brava
O cobiçoso nunca experimentando,
A terra o necessário a todos dava,

E como mãe fecunda nos criando
Com alimentos sãos, o mais sobejo
No mais profundo dela sepultando.

Quando as areias d'ouro o pátrio Tejo,
Que nas ondas de vidro transluziam,
Não conturbava o avaro em vão desejo,

E as árvores sem culto produziam
Tão saudáveis frutos aos humanos,
Que uma vida imortal quase viviam

Em lei de natureza, e sem enganos,
E a nós agora em melhor lei de graça
Não bastam leis, nem tantos desenganos.

Limite e termo na alma o homem faça,
E tenha a breve vida demarcada
Numa hora, pois que numa só se passa,

E ao alto Criador, que a fez de nada,
Levantando o desejo e pensamento
Nenhum trabalho lha terá cansada.

Em tudo achará contentamento,
Riquezas infinitas em abundança,
E dentro em si terá descanso e assento,

E sem cabo dobrar da Boa Esperança,
Do maior bem não poderá perdê-la,
Que, obrando bem, com ela ele se alcança.

Ah! Não nos vá guiando sempre a estrela
Que por baliza a par do pólo temos,
Mas o fazedor só das mais, e dela!

Sempre ganhando, nunca perderemos,
Da clara e sã verdade bem guiados,
Não da cegueira em nossos maus extremos.

Os talentos em nós depositados
Pelo Senhor com emprego infalível
E bonança serão multiplicados.

Então nosso tesouro incorruptível,
No Céu melhor guardado, e em mor certeza
Será da traça e do ladrão terrível,

Que mor desventura e mor baixeza,
Que o coração, que a Deus só deve alçar-se,
No ouro enterrado esteja e na avareza!

Tristes dos que vão vivos sepultar-se
Nas minas d'ouro, por viver contentes,
E sem ouro, e sem vida vem ficar-se!

As perfeitas riquezas e excelentes
Gostos não se hão de achar nas veias de terra,
Mas nos corações justos dos prudentes.

Por mais que andeis cursando mar e terra,
Se lá tão longe na alma achais sossego
Achar-vos-eis na vossa pátria e terra.

Nem vos fará mais rico o grande emprego
Trocado no Pegu, Sofala, ou China
Com retorno de mor desassossego.

Ouro, prata e a pedraria fina,
Bens mundanos, que a terra os dá e os toma,
Não podem fartar alma, que é divina.

Quem a cobiça hidrópica não doma,
Tão pobre enfim, da pobre Sovereira
Será, sendo senhor, como de Roma.

Olhai bem lá, claro amigo Silveira,
Não vos opile o limpo e bom juízo
Aquesta fera sede interesseira,

Tende por regimento e certo aviso,
Que nunca honra em vossa alma prejudique
Nem vida faça à honra prejuízo.

A fazenda posposta a tudo fique
Como mais baixa e vil, e por mais alta
Em vós a honra de Deus se verifique.

Se com esta a do mundo mais se esmalta,
E em mil quilates cresce bem prezada,
Quem poderá cair com ela em falta?

Por esta pois vossa alma sempre armada
Ande de tenção boa, e andai seguro,
Quem honra a Deus, não o desonra nada.

Eu cá, bem que me fere o ferro duro
Da feia imiga inópia de contino,
Nela me exercitando, mais me apuro.

Ponho os olhos no Infante e Rei divino,
Vejo-o estar em Belém na manjedoura,
Pobre, entre palhas, frio, nu, menino.

Quem alma com tão sã pobreza doura,
Por mais pobre que viva toda vida,
Eu lhe assegurarei que rico moura.

Assim nestes combates passo a vida,
Cobrindo-me com bom e forte escudo
Da paciência e bondade devida.

A Esparta, que alcancei de Deus com tudo,
Minha consorte digo, amo e acompanhamento,
Com ela falo, leio, escrevo, estudo.

Nenhuns trabalhos há, nem mal tamanho,
Que aqueste amor recíproco nos vençam,
Comum nos sendo tudo, e nada estranho.

E deu-nos Deus filhinhos já de bênção,
Mas para contemplar dos Céus a glória,
Por que suas lembranças nos convençam,

Deixou-nos deles só viva a memória,
Levou-no-los depois de batizados,
E lá os tem consigo em eterna glória.

De um, de que eu tenha já mil gasalhados,
Esperanças, sinais de espírito altivo,
Saudade nos tem inda magoados.

Sempre assim nos presenta o rosto vivo,
Doce prêmio de amor, dom excelente,
Que a morte descorou com golpe esquivo.

Formoso filho meu, tenro inocente,
Traslado daquela alma e formosura,
Que morará na minha eternamente,

Não coube a vossa flor, que a rosa pura
Na frescura, na graça e cor vencia,
Longa vida, mas curta sepultura.

Convosco já as misérias esquecia,
E importunas pobreza enganava,
Mas, ah! Choro eu quem me chorar devia!

E Deus, que para os Céus destinava,
Dos laços do imigo mau o livrando,
Também da carne e mundo assim o livrava.

Nesta mercê divina consolando
Estou sempre a lembrança magoada,
E meus úmidos olhos enxugando.

Com a parte imortal estoutra errada
Assim esforço, a caduca, a fraca e a cega,
Na perigosa e comum jornada.

Fujamos pois da vida o que nos cega,
Nem da cega fortuna a confiemos,
Que em manifestas perdas no-la emprega.

E da alma e vida os olhos levantemos
Àquele sumo bem, que nos descansa,
Onde enfim com verdade poderemos
Descansar olhos, vida, alma e esperança.

HEITOR DA SILVEIRA
[Resposta à Sátira IX]

De Heitor da Silveira ao autor

Pelos consoantes

Num verso, André meu, brando e altíssimo,
Que por cima de Apolo se alça e voa,
Vi claro nosso amor certo e puríssimo.

Ali vi mil verdades, que pregoa,
E que a verdade já ande enjeitada,
A mim não me creiais, muito bem soa.

De quem será a verdade mal julgada,
O são conselho do sincero amigo,
Onde ela sempre andou mais apurada?

Esta virtude tem alma consigo,
Além doutras cem mil, que foge a vida
Por verdade obrigar-se a mor perigo,

Tem mais descobrir, se é certa ou fingida,
Uma amizade sã, que nas de agora
Se julga a verdadeira por perdida.

Alma, que não se engana, de hora em hora
Mostrando-nos vai claro e evidente
O limpo e nobre amor, que entre nós mora.

Mas, ah! Que este enganoso, falso Oriente,
Desbota minha fé, minha verdade,
E amor tão sem amor, que mo consente.

Que me aproveita, amigo, a piedade,
Que de lá me amostrais que a verdadeira
Que cá se me apresenta a saúde?

Vira eu Beliza alçar sendo a primeira,
Que na minha viva, inda que conte
O povo vil o bom doutra maneira.

Com ela me vira eu de monte em monte,
De vale em vale, e em frescuras claras,
Da caça onde o trabalho se desconte,

A par de mil ribeiras doces, claras,
Da sesta o ardor passando, e a melodia
Das aves, em seu canto então mais raras.

Tudo se me esmaltara de alegria,
Tudo me fora amor, fora eu contente
C'um só, que me anda sempre em companhia.

Ah! Fortuna cruel, que quando sente
Quieto um peito mais, jamais se aparta
Dele, té que o alvorece, ou descontente.

A dor me leva a pena onde se farta,
E onde choro minha pouca dita,
A que também me ajuda vossa carta.

De lá me obriga o pranto, e cá me incita,
Agora, caro André, se me descobre
Que me está na avareza alma precita.

Torna-se-me a esperança d'ouro em cobre,
E o que um tempo tanto desprezava,
Desejo um meio já, por onde o cobre.

Se algum repouso então se me mostrava,
Alma em vícios mil torvada andando,
O que lhe era peçonha, só tomava.

Assim me lançou cá, onde agora ando
Vivendo ao som de mil males o vejo,
A rica liberdade desprezando.

Tudo nos roubam cá, té o desejo,
Que em nosso peito mora, lá o desviam,
Parece que lhe faz afronta, ou pejo.

Este é o ouro, este é o metal, que criam
Estas partes de cá, que em poucos anos
Europa de varões nobres despiam.

Cruel Gama, cruel, que tantos danos
Ao Lusitano dás! Que se desfaça
Em pó tanto varão por bens mundanos!

Oh, desleal cobiça! Viva traça,
Faminta harpia, que por quase nada
Alma, que livre é, presa andar faça!

A todos nos tem posto a rede armada,
Nem há já algum tão justo, livre, isento,
Que não tenha provado esta jornada.

No mundo o que na guerra andar atento
Sempre lhe quebrará na vista a lança,
E todo o haverá por nada e vento.

Mas esta vaidade, que nos cansa
Em buscar a pobre honra só por ela,
Por mil trabalhos passa, e não descansa.

Esta é dos mortais mais certa estrela;
A certa nossa guia, essa perdemos,
Sem que um queira entretanto conhecê-la.

Em que consista o bom, os mais o vemos,
Mas de nossos apetites vãos cercados,^H
O que menos nos pesa, isso queremos.

Ah! Como duros são, como pesados
Os passos bons, a vida baixa, cível,
Que mal pode sofrer limpos cuidados!

Este emprego mesquinho, vil, falível,
Que a nossos ombros pomos, cansa e pesa
O espirito, que anda leve, corruptível.

Porém quem se vir livre da pobreza
Da vil cobiça, em que vem a enterrar-se
Vestido de outra cor, de outra pureza,

Vendo do antigo encanto então livrar-se,
Como se andarás rindo das vãs gentes,
Que em sua opinião deixam inda andar-se!

Que os dias se lhe mostrem descontentes,
Que lhe a pobreza faça crua guerra,
Maiores bens ali terá presentes.

Alma, que está com Deus, que quer da terra?
Que do mísero, torpe, pobre emprego,
Que em suas veias, ou minas se encerra?

Onde perfeito é o bem, é o bom sossego,
Ali o espirito nobre mais se inclina,
Acha em todo outro bem desassossego.

A lei da natureza isto me ensina,
Também a lei da graça, porém toma
A carne (o que é mais fraco) indina.

A virtude a razão às vezes doma
Da vontade uma parte não inteira,
Que inda dos ombros meus não é igual soma.

Porém como o vestido na cegueira
Deste falso interesse não há siso,
Que contra a opinião valha primeira,

Mil vezes de mim zombo em largo riso,
Outras, porque meu mal mais certifique,
Minha vida cá chamo honra e aviso.

Se quero buscar vida aonde não embique,
O mais certo remédio ali me falta,
Em tal estado então vereis qual fique.

De um em outro trabalho a vida salta,
E é-nos então cá muito prezada,
Quando por honra cai em míngua e falta.

A vida, que dos homens tanto amada,
Por qualquer honra, ou interesse puro
Dos mesmos homens logo é desprezada.

Não traz os homens cá isto seguro
De Deus força do amor, amor tão fino,
Não abater o fero imigo duro.

Um pensamento cego, ingrato, dino,
Que nele todo o bem se abala e moura,
Desejo d'ouro enfim é d'ouro indino.

O bom de cá cortado é já à tesoura
Da má, cruel cobiça, honra perdida,
E só o quem honra tem quem entesoura.

Ditoso vós em doce e quieta vida,
Em honesto repouso, são, sisudo,
Da vossa alma a cobiça tão despida!

Ora em doce concerto, em verso agudo,
Em gentil, claro estilo, grave, estranho,
Vejo que o sábio alçais, baixando o rudo,

Ora de amores vossos, aonde estranho
Os de Leandro e Hero, quais não vençam
Nenhuns outros amores, bem tamanho,

Histórias tecendo altas, que pertençam
A vosso puro amor, divina história,
Que Amor e Vênus nela se convençam,

Ora em suaves jogos, doce glória,
Doce prêmio do amor, não emprestados,
Que ou magoam alma, ou a memória.

Não espera este amor de vós cruzados,
Não interesse algum, só um amor vivo,
Que não deixe apegar-se a vãos cuidados

Do outro baixo amor, amor cativo,
Que por leve interesse outro consente.
No bom amor me alço, honro e vivo.

E este nos olhos, na alma este presente,
Este comigo trago, em mim se apura,
Em que às vezes se mostra fraco e doente.

Clara se verá a noite, a lua escura,
O sol quando mais claro, escuro o dia,
E sempre minha fé limpa e segura.

O certo norte meu, luz clara e guia,
Beliza da minha alma, em vão chamava,
Jurara, amigo André, ora que a via.

Beliza, amor, Beliza, mal cuidava,
Quando de vós fugi quase voando,
Que vinha o mal voando, e cá o achava!

Parti-me sem vos ver, assi enganando
A dura saüdade bem guardada,
Que inda ora, mais que então, estou chorando.

Mas não será fortuna tão ousada,
Se a doce liberdade me ora nega,
Que muito tempo assim ma tinha atada.

Esta confiança, André, só me sossega,
E me desvia de mil maus extremos,
A que a vã fantasia se me apegava.

Amor me diz à orelha, que nos vemos
Cedo já sem fortuna mar bonança:
Enquanto tarda, assim nos visitemos,
Se dar-me queres vida, ou esperança.



BIOGRAFIAS

FREI AGOSTINHO DA CRUZ (1540 - 1619)

Nascido provavelmente em Ponte da Barca, irmão de Diogo Bernardes. Agostinho Pimenta – seu nome secular – tornou-se frade da ordem dos Capuchinhos aos vinte anos. Após quarenta anos no convento da Arrábida, em 1605, passa a viver como eremita. Sua poesia encontra-se dispersa em cancioneiros manuscritos e foi pela primeira vez publicada, parcialmente, no século XVIII.

ANDRÉ FALCÃO DE RESENDE (1527 - c.1599)

Sobrinho de Garcia de Resende e de André de Resende, André Falcão de Resende nasceu em Évora. Licenciou-se em Artes, na Universidade de Évora, e em Direito Canônico, na Universidade de Coimbra. Casou-se entre 1551 e 1567 com D. Leonor de Almada, irmã de Isabel de Almada, esposa de Heitor da Silveira. Em 1576, foi nomeado juiz de fora de Torres Vedras. O manuscrito quinhentista com sua obra poética foi encontrado em uma farmácia em Guimarães, Portugal, em 1800, onde estava sendo usado para embrulhar remédios. Esse manuscrito serviu de base para uma edição incompleta feita pela editora da Universidade de Coimbra em meados do século XIX.

ANTÔNIO FERREIRA (1528 - 1569)

Nascido em Lisboa, doutorou-se em Humanidades e em Leis no período áureo da Universidade de Coimbra. Advogado e poeta de prestígio, em 1567 foi nomeado desembargador da Casa do Cível, e faleceu em Lisboa, na grande peste de 1569. Defensor da língua portuguesa e dos poemas de medida nova, teve sua obra poética, os *Poemas lusitanos*, publicada por seu filho, Miguel Leite Ferreira, em 1598. A sua famosa tragédia *Castro* já havia sido editada, sem o nome do autor, em 1587.

BALTASAR ESTAÇO (c.1565 - ?)

Nasceu em Évora em 1570, e foi cônego da Sé de Viseu. Publicou em Coimbra, em 1604, o livro *Sonetos, canções, éclogas e outras rimas*, a pedido do bispo de Viseu, D. João de Bragança. Deixou ainda obras manuscritas, citadas na *Biblioteca lusitana* de Diogo Barbosa Machado. Foi processado e preso pela Inquisição em 1614. Em 1620, é condenado à prisão perpétua e à privação de suas ordens eclesiásticas, e solto em 1621.

BERNARDIM RIBEIRO (c.1490 - ?)

Sabe-se muito pouco sobre a vida de Bernardim Ribeiro, poeta de grande influência na geração de Luís de Camões. *No Cancioneiro Geral* de Garcia de Resende figuram doze poemas a ele atribuídos. Supõe-se que pertenceu à roda dos poetas palacianos, como Gil Vicente e Sá de Miranda, e que foi moço da câmara de D. João III. Acredita-se que tenha acompanhado Sá de Miranda em sua viagem à Itália. Autor da *História de menina e moça*, publicada em Ferrara, em 1554, e em Évora em 1557-1558. Também publicou, em 1536, folha volante com as *Trovas de dous pastores*.

CRISTÓVÃO FALCÃO (c.1515 - c.1557)

Pouco se sabe sobre o poeta. Sua écloga *Crisfal* foi publicada em folha volante na década de 1540; juntamente com a *História de menina e moça* de Bernadim Ribeiro, em Ferrara, em 1554; e em uma edição impressa em Colônia, em 1559. *Cris[-]fal* seria o criptônimo de Cristóvão Falcão. A écloga já foi atribuída a Bernardim Ribeiro, e ainda há controvérsia sobre a autoria.

DIOGO BERNARDES (c.1530 - c.1596)

Nascido provavelmente em Ponte da Barca. Um dos mais estimados poetas de sua época, publicou as *Várias rimas ao bom Jesus*, em 1594, o *Lima*, em 1596, e as *Rimas várias flores do Lima*, em 1597. Em 1577 foi nomeado moço de toalha de D. Sebastião. Acompanha o rei na expedição ao Marrocos, e é feito prisioneiro em Alcácer Quibir. Libertado, após o pagamento do resgate, foi recompensado por Felipe II com o hábito de Cristo. Sua poesia foi largamente colecionada em cancioneiros manuscritos.

ESTÉVÃO RODRIGUES DE CASTRO (1559 -1638)

Nasceu em Lisboa. Provavelmente de origem hebraica, deixou Portugal por volta de 1608. Médico e poeta, fixou-se em Florença, onde notabilizou-se no exercício da medicina; foi nomeado, em 1617, professor de Medicina Teórica da Universidade de Pisa. Publicou trabalhos científicos em vários países europeus. Suas *Rimas* foram editadas por seu filho, Francisco de Castro, em Florença, em 1623.

FERNÃO ÁLVARES DO ORIENTE (c.1530 - c. 1600)

Nasceu em Goa. Participou de várias campanhas militares na Índia, como capitão de fusta. Acompanhou o rei a Alcácer Quibir, onde permaneceu prisioneiro. Resgatado, ainda toma parte em expedições militares no Oriente, de onde, posteriormente, é afastado por manifestar desapeço pelo governo de Felipe II. Sua

Lusitânia transformada foi publicada postumamente, em 1607, pelo editor Domingos Fernandes.

FERNÃO CORREIA DE LACERDA (c. 1571 - ?)

Nasceu em Tojal. Formou-se em Jurisprudência Civil na Universidade de Coimbra, onde foi mestre e, em 1602, nomeado regente de uma cadeira. Participou de campanhas na África. Além de poemas dispersos em cancioneiros, escreveu também o romance *Ardénio enfermo de amores*, publicado no tomo V da *Fênix Renascida*, em 1728.

FERNÃO RODRIGUES LOBO SOROPITA (c. 1560 - ?)

Fernão Rodrigues Lobo, dito o Soropita, estudou Direito em Coimbra. Jurisconsulto estimado em Lisboa, publicou um livro de teor jurídico, mas não sua poesia. Poeta amoroso e satírico, converteu-se na velhice, retirando-se a um convento na Serra da Arrábida. Sua obra poética circulou em cancioneiros e só veio a ser publicada, parcialmente, em 1868, em uma edição organizada por Camilo Castelo Branco. Soropita foi o compilador e prefaciador da primeira edição das *Rimas* de Luís de Camões, em 1595.

FRANCISCO DE ANDRADE (c.1540 - 1614)

Nascido em Lisboa, foi guarda-mor da Torre do Tombo e cronista-mor do reino. Seus poemas foram colecionados em cancioneiros. Publicou o poema épico *O primeiro cerco que os turcos puseram à fortaleza de Dio nas partes da Índia defendido pelos portugueses*, em 1589, e a *Crônica do muito alto e muito poderoso rei destes reinos de Portugal, D. João III deste nome*, impressa em 1613.

FRANCISCO SÁ DE MIRANDA (1487 - 1558)

Nascido em Coimbra, filho de Gonçalo Mendes Sá — irmão de Mem de Sá (governador do Brasil). Doutorou-se em Direito na Universidade de Lisboa. Entre 1521 e 1526 esteve na Itália. Introduz em Portugal os metros italianos — a chamada medida nova. Afasta-se da corte desencantado com a sociedade e com seus contemporâneos, e isola-se no Minho, em sua quinta. Exerceu enorme influência nos poetas da geração de Luís de Camões. Teve três livros publicados no século XVI: *Obras do celebrado lusitano Francisco Sá de Miranda*, em 1595; a *Comédia dos Vilhalpandos* em 1560, e a *Comédia dos estrangeiros*, em 1561.

HEITOR DA SILVEIRA (? - 1570)

Os Silveira se notabilizaram na Índia e seus feitos são relatados pelo historiador Damião de Góis. Heitor da Silveira tem suas ações militares na Índia narradas

por Diogo do Couto e Antônio de Castilho. Sua penúria financeira foi registrada em poema de Luís de Camões. Casado com Isabel de Almada, irmã da esposa de seu amigo André Falcão de Resende. Após dez anos na Índia, volta a Portugal juntamente com Luís de Camões e Diogo do Couto, mas morre ainda a bordo, na chegada a Lisboa. O pouco que se conhece de sua poesia encontra-se no manuscrito das obras de André Falcão, e há um soneto a ele atribuído no Índice *do Cancioneiro do Padre Pedro Ribeiro*.

INANTE D. LUÍS (1506 - 1555)

Filho do rei D. Manuel e pai de D. Antônio, prior do Crato, pretendente à coroa portuguesa após a morte de D. Sebastião em Alcácer-Quibir. O Infante D. Luís teve educação esmerada e sua poesia foi colecionada em cancionários.

JOÃO LOPES LEITÃO (? - ?)

Muito pouco se sabe a respeito de sua biografia. Poeta, cortesão e militar, trocou poemas com Pero de Andrade Caminha, em Lisboa, e com Luís de Camões, na Índia, onde veio a falecer. Presente no famoso *Banquete de trovas* de Luís de Camões, é o único que responde às trovas do poeta.

JORGE DE MONTEMOR (c. 1520/1525 - 1561)

Nasceu, provavelmente, em Montemor-o-Velho. Poeta e músico, na década de 1540 radica-se na Espanha. Foi cantor de capela de D. Maria, filha de Carlos V, e posteriormente de outra filha, D. Joana, mãe de D. Sebastião. Publicou *La Diana* em 1558-1559, em Valência, obra muitas vezes reeditada no século XVI, e teve, ainda, outras de suas obras impressas.

LUÍS DE CAMÕES (c.1524 - c.1580)

Como sintetiza Jorge de Sena, “foi um dos raros escritores portugueses que transcendeu a barreira da língua [...], e a ter uma vasta influência na literatura ocidental”. Passou 17 anos no Oriente. Publicou o poema épico *Os Lusíadas* em 1572. Posteriormente, foram publicadas as suas *Rimas*, editadas em 1595 e 1598. Sua poesia foi largamente colecionada em cancionários.

D. MANUEL DE PORTUGAL (1520 - 1606)

Filho do 1º conde de Vimioso, também poeta, D. Manuel de Portugal foi comendador de Vimioso e de Santa Maria no bispado do Porto, e provedor-mor das terças do reino. Posicionou-se contrariamente ao governo filipino. As *Obras de D. Manuel*

de Portugal foram publicadas em 1605, e o restante de sua produção poética encontra-se dispersa em manuscritos. Luís de Camões endereça-lhe poema pedindo proteção e mecenato.

MARTIM CASTRO DO RIO (c.1548 - 1613)

Pouco se sabe sobre sua vida. Como Diogo Bernardes e Fernão Álvares do Oriente, acompanhou o rei D. Sebastião na campanha ao Marrocos, e foi aprisionado em Alcácer Quibir. Sua poesia foi colecionada em cancionários.

PERO DE ANDRADE CAMINHA (c.1520 - 1589)

Nasceu no Porto e faleceu em Vila Viçosa. Foi camareiro de D. Duarte, neto do rei D. Manuel. Passou para a história da literatura portuguesa como suposto inimigo de Luís de Camões e por seu depoimento no processo inquisitorial contra Damião de Góis. Sua obra poética circulou em manuscritos e só veio a ser publicada no século XVIII.

VASCO MOUSINHO DE QUEVEDO CASTELO BRANCO (c.1560 - c.1619)

Filho natural do clérigo Vasco Anes de Mousinho de Cabêdo, nasceu em Setúbal. Estudou Direito Canônico e Direito Civil em Coimbra. Ainda estudante universitário publicou o livro de poesia lírica *Discurso sobre a vida e a morte de Santa Isabel, rainha de Portugal e outras várias rimas*, em 1596 ou 1597. Publica também o poema épico *Afonso Africano*, em 1611, e o *Triunfo do monarca Felipe III na felicíssima entrada em Lisboa*, em 1619.

OS QUATRO AUTORES DA PARÓDIA AO CANTO I DE *OS LUSÍADAS*

Quatro estudantes de teologia da Universidade de Évora divulgaram em 1589 um manuscrito com uma paródia do canto I, intitulada *Festas Bacchanaes: conversão dos primeiros cantos dos Lusíadas do grande Luiz de Camões/ vertidos do humano em o devinhol por uns caprichosos*. Os autores: Bartolomeu Varella, futuro clérigo e poeta; Manuel do Valle de Moura, que seria doutor em Teologia pela Universidade de Évora, arcebispo dessa diocese e Inquisidor Geral, autor de obras religiosas; Luís Mendes de Vasconcelos, criado do Arcebispo D. Teotônio de Bragança, e autor de um único verso da paródia; e o futuro licenciado Manuel Luis Freire.

GLOSSÁRIO

A

- Acorrer** (*acorro*) – ir ou vir em auxílio de alguém; acudir, socorrer.
Al – outra coisa, o resto.
Almoeda – venda em hasta pública, leilão judicial, leilão.
Almofaça – escova metálica para escovar cavalgadas.
Amimar – acariciar.
Andame, andamo – caminho estreito, atalho.
Aqueste, aquesta – este, esta.
Arandelas – gola ou punhos com folhos ou pregas.
Arreio – um mês arreio: um mês a fio.
Asado – provido de asas.
Avezar – acostumar(-se), habituar(-se).

B

- Barbacã** – muro avançado, construído entre a muralha e o fosso.
Barreto – talvez nome de pessoa usado adjetivamente; por metonímia, para caracterizar um formato de bigode.
Borracho (*borrachões*) – bêbado.

C

- Cala** (*à cala*) – passagem estreita.
Cava – escavação em torno de fortaleza, fosso, vala.
Cerval – bravo, feroz.
Copete – passador por onde passam os talões, na espora; peça da idumentária feminina.
Cuidado – inquietação, preocupação.
Corrido – rejeitado, perseguido.

D

- Defensão** – defesa.
Desasado – desprovido de asas.
Despeso – desprovido, falto.

E

- Emanquecer** – tornar-se claudicante, manco.
Embuçado – disfarçado, mascarado.
Emparo, amparo – apoio, arrimo, escora, socorro.
Entremez – peça curta, burlesca; fato ou ação ridícula ou burlesca.
Engenho – capacidade de criar com arte, inventiva, talento.
Escrimento – talvez *escoimento*, *escoima*: livrar de pena, libertar do sofrimento.
Esprito – espírito.
Eramá – em má hora (interjeição).

F

- Fementir** (*fementido*) – quebrar juramento ou promessa, mentir.
Fiel – haste situada no meio do braço da balança, que indica se este está ou não rigorosamente na horizontal.
Fraldelhim, fraldelim – brial ou saia por baixo das roupas abertas; guardapé.

G

- Galardão** – prêmio.
Ganaperde – jogo de cartas ou damas em que ganha quem faz menos pontos.
Gesto – rosto.
Gualdrapas – aba comprida de casacão.

H

- Hidrópico** – inchado.

I

- Imigo** – inimigo.
Inópia – pobreza, miséria.

M

- Marrano** – judeu ou mouro.
Mezinha – remédio.
Mor, mores – maior, maiores.
Mouro – morro (morrer).

P

- Pinga** – ato de pingar com óleo fervente.
Pinhoada – confeito, pinhões confeitados com mel.
Pique no dente – fome.
Precita, precito – condenado, almadiçoado.

Q

- Qués** – queres.

R

- Respeito** – razões, motivos.

S

- Santimônia** – modos ou aparências de santo; qualquer tipo de devoção religiosa afetada.
Sisudo – sério, austero.
Sobejo – que sobra, demasiado.
Surgir, surgidouro – aportar, porto.

T

- Tachar** (*tacha, tachado*) – criticar (crítica, criticado).
Terebinto – espécie de arbusto, nativo do Mediterrâneo, que esxuda uma resina transparente e aromática.
Trato – conduto, duto.
Trejeitos – jogos, jogos com as mãos.

V

- Val** – vale.
Verdugada, averdugadas – saias averdugadas: saias dotadas de varas em círculo ou barbatanas nela fixadas, para as fazer relevar, inchar e fazerem roda.

BIBLIOGRAFIA

FONTES

- BERARDINELLI, Cleonice. *Corpus dos sonetos camonianos*. Rio de Janeiro-Paris: Centre Culturel Portugais Lisbonne-Paris, Fundação da Casa de Rui Barbosa, 1980.
- BERNARDES, Diogo. *Varias Rimas ao Bom Jesus, e a Virgem Gloriosa sua May, e a sanctos particulares. Com outras mais de honesta & proveitosa lição. Dirigidas ao mesmo IESUS, Senhor e Salvador Nosso*. Lisboa: Simão Lopez, 1594.
- _____. *O Lyra de Diogo Bernardes em o qual se contem as suas eglogas, & cartas. Derigido por elle ao Excellente Principe, & Serenissimo Senhor Dom Alvaro D'Alencastro, Duque D'Aveiro*. Lisboa: Simão Lopez, 1596.
- _____. *Rimas varias. Flores do Lima. Composta por Diogo Bernardes*. Lisboa: Manuel de Lyra, à custa de Estêvão Lopez, 1597.
- CAMINHA, Pero de Andrade. *Visões de Glória (Uma introdução à poesia de Pêro de Andrade Caminha)*. Edição crítica de Vanda Anastácio. Vol. II. Lisboa: FCG/ Junta Nacional de Investigação Científica e Tecnológica, 1998.
- CAMÕES, Luís de. *Rhythmias : divididas em cinco partes / de Luis de Camoes*. Lisboa: Manoel de Lyra , à custa de Estêvão Lopez , 1595.
- _____. *Rimas*. Lisboa: Pedro Crasbeeck, à custa de Estêvão Lopes, 1598. [Reprodução facsimilada da edição de 1598. Braga: Universidade do Minho, 1980.]
- _____. *Rimas de Luis de Camoes. Agora novamente impressas com duas comedias do autor. Com dous epitafios feitos a sua sepultura e hum prologo em que conta a vida do author*. Lisboa: Pedro Crasbeeck, à custa de Domingos Fernandez, 1616.
- Cancioneiro de Corte e Magnates. Ms. CXIV/2-2 da Biblioteca Pública e Arquivo Distrital de Évora*. Edição e notas por Arthur Lee-Francis Askins. Berkeley-Los Angeles: University of California Press, 1968.
- Cancioneiro de Cristóvão Borges*. Edição e notas de Arthur Lee-Francis Askins. Braga: Barbosa & Xavier Editores, 1979.
- Cancioneiro Devoto Quinhentista da Biblioteca Nacional de Lisboa (Cod.3069)*. Edição de Rubem Amaral Jr. Tegucigalpa: ed. do autor, 2000.

- Cancioneiro do Padre Pedro Ribeiro*, Índice do. VASCONCELOS, Carolina Michaëlis de. *Estudos Camonianos II*. Coimbra: Imprensa da Universidade, 1924.
- Cancioneiro Fernandes Tomás*. Fac-símile do exemplar único. Edição do Museu Nacional de Arqueologia e Etnologia com preâmbulo de D. Fernando de Almeida. Lisboa: Ministério da Educação Nacional, 1971.
- Cancioneiro de Garcia de Resende*. Ed. de A. Da Costa Pimpão e Ainda Fernanda Dias. 2 vols. Coimbra: Centro de Estudos Românicos, 1973-74.
- CASTELO BRANCO, Vasco Mousinho Quevedo de. *Discurso sobre a vida e morte de Santa Isabel Rainha de Portugal, e outras varias rimas*. Lisboa: Manuel de Lyra, à custa de Estêvão Lopez, 1596.
- CASTRO, Estêvão Rodrigues de. *Rimas de Estêvão Rodrigues de Castro. Dadas a luz por Francisco de Castro seu filho*. Florença: Zanobo Pinhoni, 1623.
- CRUZ, Frei Agostinho da. *Obras de Frei Agostinho da Cruz*. Coimbra: França Amado, 1918.
- ESTAÇO, Baltazar. *Sonetos, canções, églogas e outras rimas*. Coimbra: Diogo Gomes Loureiro, 1604
- FERREIRA, Antônio. *Poemas Lusitanos do Doutor Antonio Ferreira*. Lisboa: Pedro Crasbeeck, à custa de Estêvão Lopes, 1598.
- FREIRE, Manoel Luís et alli. *Paródia ao primeiro canto dos Lusíadas de Camões. Festas Bacchanaes: conversão do primeiro canto dos Lusíadas do grande Luiz de Camões, vertidos do humano em o de-vinho, por uns caprichosos. Autores: Dr. Manoel do Valle, Bartholomeu Varela, Luiz Mendes de Vasconcellos e o Licenciado Manoel Luiz. Anno de 1589*. Porto: Typographia da Rua Formosa, 1845.
- MIRANDA, Francisco de Sá de. *As obras do celebrado Lusitano, o Doutor Francisco de Sá de Miranda*. Lisboa: Manoel de Lyra, 1595.
- MONTEMOR, Jorge de. *Los siete libros de La Diana*. Lisboa: vende-se em casa de Francisco Grapheo, 1565.
- ORIENTE, Fernão Álvares do. *Lusitânia Transformada*. Lisboa: Luys Estupinam, 1607.
- RIBEIRO, Bernardim. *História de Menina e Moça*. Reprodução facsimilada da edição de Ferrara, 1554. Estudo Introdutório por José Vitorino de Pina Martins. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2002.
- RESENDE, André Falcão de. *Poesias*. Coimbra: Universidade de Coimbra, s.d.

OUTRAS OBRAS CONSULTADAS

- ANASTÁCIO, Vanda. *Visões de Glória (Uma introdução à poesia de Pêro de Andrade Caminha)*. vols. I e II. Lisboa: FCG/Junta Nacional de Investigação Científica e Tecnológica, 1998.
- BAIÃO, Antônio. *Episódios dramáticos da Inquisição portuguesa. Volume I. Homens de letras e de ciência por ela condenados*. Porto/Rio de Janeiro: Renascença Portuguesa/ Luso Brasileira, 1919.
- BERARDINELLI, Cleonice. *Estudos Camonianos*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.
- Biblos. *Enciclopédia Verbo das Literaturas de Língua Portuguesa*. Lisboa: Verbo, 1997. vols., 1, 2, 3, 4.
- BRAGA, Teófilo. *História da Literatura Portuguesa. Camões – época e vida*. Porto: Chardron, 1907.
- _____. *História da Literatura Portuguesa. Renascença*. vol. II. Lisboa: IN-CM, 1984.
- Cancioneiro chamado de Maria Henriques*. Introdução e notas de Domingos Maurício Gomes dos Santos S.I. Lisboa: Agência Geral do Ultramar- Divisão de Publicações e Biblioteca, 1956.
- Cancioneiro de D. Cecília de Portugal*. Introdução e notas de Antônio Cirurgião. Lisboa: Edição da Revista Oriente, 1972.
- Cancioneiro de Luís Franco Correa. 1557-1589*. Lisboa: Comissão Executiva do IV Centenário da Publicação de “Os Lusíadas”, 1972.
- [Cancioneiro] *The Hispano-Portuguese Cancioneiro of the Hispanic Society of America*. Edição e notas de Arthur Lee-Francis Askins. Chapel Hill: UNC Department of Romance Languages, 1974.
- CASTRO, João Bautista de. *Mappa de Portugal Antigo e Moderno pelo padre João Bautista de Castro*. Partes III e IV. Lisboa: Typografia do Panorama, 1762/1763.
- Catálogo da Exposição Bibliográfica, Iconográfica e Medalhística de Camões*. Prefácio de Manuel Lopes de Almeida. Introdução, seleção e notas bibliográficas por José V. de Pina Martins. Lisboa: IN-CM, 1972.
- COSTA E SILVA, José Maria da. *Ensaio Biographico-Crítico sobre os melhores poetas portugueses*. tomo VII. Lisboa: Imprensa Sevilhana, 1845.
- DICIONÁRIO Houaiss da Língua Portuguesa. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.
- FERREIRA, Antônio. *Poemas Lusitanos*. Edição crítica, introdução e comentário de T. F. Earle. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2000.

- MACHADO, Diogo Barbosa. *Bibliotheca Lusitana*. Lisboa: Bertrand, 1930.
- MATTOSO, José (dir.) *História de Portugal. Terceiro Volume. No alvorecer da modernidade (1480-1620)*. Lisboa: Editorial Estampa, 1992.
- MIRANDA, Francisco Sá de. *Poesias de Francisco Sá de Miranda*. Edição feita sobre cinco manuscritos inéditos e todas as edições impressas, acompanhada de um estudo sobre o poeta, variantes, notas, glossário e um retrato, por Carolina Michaëlis de Vasconcellos. Halle: Max Niemeyer, 1885.
- _____. *Obras Completas*. Notas e prefácio do prof. Rodrigues Lapa. vol. I. Lisboa: Sá da Costa, 1976.
- MONTEMOR, Jorge de. *La Diana*. Edição, prólogo e notas de Juan Montero. Estudo preliminar de Juan Bautista de Avallé-Arce. Barcelona: Crítica, 1996.
- ORIENTE, Fernão Álvares do. *Lusitânia Transformada*. Introdução e atualização do texto por Antônio Cirurgião. Lisboa: IN-CM, 1985.
- SOROPITA, Fernão Rodrigues Lobo. *Poesias e Prosas Inéditas*. Prefácio e notas de Camilo Castelo Branco. Porto: Typographia Lusitana, 1868.

- A condição deste fruto 93
- Afuera, afuera, pensamentos mios!* 137
- A glória do edifício, o louvor alto 115
- A imitação tem sua autoridade 60
- Alma minha gentil, que te partiste 48
- Alma que nesta vida despediste 48
- Amor por vosso amor me açoita e pinga 137
- Amor que em sombras vãs do pensamento 27
- Antre mim mesmo e mim 119
- Aqui de largos males breve história 113
- Ausente, pensativo e solitário 35
- Bem como capitão experimentado 84
- Bem mostrou o pintor estilo agudo 38
- Bem pudera eu sofrer 91
- Borrachas, borrachões assinalados 140
- Brando Senhor Jesus, as pias rimas 112
- Cabelo em ricos laços ordenado 24
- Cada um seu remo rema 69
- Cantando se renova o pensamento 83
- Cantei um tempo, agora choro a guerra 49
- Caterina bem promete (L. de Camões) 42
- Caterina bem promete (P. A. Caminha) 43
- Cativo de meu Deus meu pensamento 127
- Cercado de medonhos pensamentos 119
- Chorei, agora canto, e estes efeitos 50
- Comigo me desavim (B. Estaço) 120
- Comigo me desavim (Sá de Miranda) 122
- Damas de corte, em cujas arandelas 85
- Despojo triste, corpo mal nascido 97
- Depois de tantos dias mal gastados 102
- Depois que o longo tormento 32
- De que me serve fugir 122
- De ti te vejo livro mal contente 115
- Deu, Senhora, por sentença 40

Discorra o peito avaro 134
Dizeis que alcançastes e perdestes 106
Do bravo mar onde às voltas ando 105
Do Lima, donde vim já despedido 111
Duro mal, dura paga, duro estado 103

Em mim me busco a mim e não me alcanço 121
É muito natural de quem carece 131
Enquanto aquela glória me faltava 29
Enquanto quis fortuna que tivesse 114
Essas palavras, Senhora 90
Estes alfinetes vão 88
Eu cantarei de amor tão docemente 47
Eu cantarei de amor tão novamente 47
Eu cantei já, e agora vou chorando 49
Eu me parto de vós, campos do Tejo 52
Eu me aparto de vós, ninfas do Tejo 52
Eu quero ser de alguns, que pagam logo 68

Famoso Alcides, que nos ombros altos 92
Feia se falas és, feia calada 90
Fujo de mim, quando me não precató 124

Gastando se me vai de lança em lança 103
Graças, saber, primor e formosura 68

Horas breves de meu contentamento 55, 56, 57, 58, 59

Importunos amantes de convento 85
Inda hoje vim a saber 91

Já me seca a fonte de Aganipe 69
Já não quero soltar meus pensamentos 97

Lá onde o fértil Nilo rega e cria 67
Lindo e sutil trançado, que ficaste 39

Males que contra mim vos conjurastes 104
Mostrai-me, meu Senhor, em que deserto 128

Nesses formosos olhos, que tão caro 23
Neste árduo labirinto onde me guio 92
No furioso e cruel mar, em que ora 86
Nos livros doutos se trata 88
Num verso, André meu, brando e altíssimo 151

O fogo que na branda cera ardia 39
O gosto, e o prazer me descontenta 127
Ondados fios de ouro onde enlaçado 24
Os meus versos buscam vida 114
Ó olhos, donde Amor suas flechas tira 23
Os tempos mudam ventura 100
Os tempos se mudarão 37
Os versos que cantei importunado 111
O teu divino verso, ó raro Andrade 70

Para poderem ser de ti aprovados 90
Para tudo houve remédio 98
Passa o dia e a noite, o mês e o ano 105
Passa por este vale a primavera 104
Perdidos tantos anos na esperança 123
Perdi-me dentro em mim como em deserto 123
Posto que sofra amor apartamento 27

Qual ave brava, leve e furiosa 128
Quando às vezes a mim por mim pergunto 124
Quando eu, Senhora, em vós os olhos ponho 36
Quando me quis salvar dei num perigo 121
Quanto mais pode Amor num peito humano 28
Que enfadonha certeza é celebrardes 26
Que guerra tão cruel trago comigo 120
Queimado sejas tu e teus enganos 30
Que leite foi cruel o que mamaste 28
Que mal é este meu tão diferente? 107
Quem louvará Camões que ele não seja? 113
Quem menos se publica 71
Quem no mundo quiser ser 88
Que vida a de um cortesão 63
Que vos tem parecido, Heitor claríssimo 145

Raro Falcão, rara ave desta idade 70

Sem vós, e com meu cuidado (D. Bernardes) 53

Sem vós, e com meu cuidado (L. de Camões) 54

Sem vós, e com meu cuidado (P. A. Caminha) 31

Se foi sempre dos grandes mui usado 84

Senhora, se eu alcançasse 41

Sentindo-se de força e vigor falta 116

Se pode tanto à morte defender-se 35

Se quando vos perdi, minha esperança (D. Bernardes) 51

Se quando vos perdi, minha esperança (L. de Camões) 51

Se tanta pena tenho merecida 29

Sou um vivo sepulcro de esperanças 102

Se vos vireis, donzela, que amimava 83

Triste do que em tristeza passa o dia 106

Um só fado, Senhora, uma ventura 38

Uns cabelos vi eu que embaraçados 25

Vestis vossa tenção com ser sagrada 32

Vós, que de amor cruel nunca sentistes 112

Vossa Senhoria creia 87

Frei Agostinho da Cruz 104, 111, 128

André Falcão de Resende 63, 67, 68, 69, 70, 145

Antônio Ferreira 23, 97

Baltazar Estação 26, 32, 71, 83, 84, 97, 119, 120, 127, 128, 131

Bernardim Ribeiro 98, 119

Cristóvão Falcão 100

Diogo Bernardes 23, 35, 38, 48, 49, 51, 52, 53, 57, 84, 102, 112, 113

Estêvão Rodrigues de Castro 24, 35, 121

Fernão Álvares do Oriente 58, 103, 134

Fernão Correia de Lacerda 102, 103

Fernão Rodrigues Lobo Soropita 24, 27, 28, 85, 137

Francisco de Andrade 29

Francisco Sá de Miranda 36, 122

Heitor da Silveira 86, 87, 151

Infante D. Luís 58

João Lopes Leitão 91

Jorge de Montemor 37

Luís de Camões 29, 39, 40, 41, 42, 47, 48, 49, 51, 52, 54, 59, 88, 104, 114, 122

D. Manuel de Portugal 30

Martim Castro do Rio 123

Pero de Andrade Caminha 25, 31, 43, 47, 50, 60, 70, 90, 91, 105, 114, 115

Vasco Mousinho de Quevedo Castelo Branco 92, 105, 106, 107, 115, 116, 124

ÍNDICE DE AUTORES

Frei Agostinho da Cruz
André Falcão de Resende
Antônio Ferreira
Baltazar Estação
Bernardim Ribeiro
Cristóvão Falcão
Diogo Bernardes
Estêvão Rodrigues de Castro
Fernão Álvares do Oriente
Fernão Correia de Lacerda
Fernão Rodrigues Lobo Soropita
Francisco de Andrade
Francisco Sá de Miranda
Heitor da Silveira
Infante D. Luís
João Lopes Leitão
Jorge de Montemor
Luís de Camões
D. Manuel de Portugal
Martim Castro do Rio
Pero de Andrade Caminha
Vasco Mousinho de Quevedo
Castelo Branco

IMPRESSO SOBRE PAPEL
OFFSET 75 g/m² (MIOLO)
E CARTÃO SUPREMO 250 g/m² (CAPA)
NA IMPRINTA EXPRESS GRÁFICA E EDITORA
PARA VIVEIROS DE CASTRO EDITORA LTDA
EM SETEMBRO DE 2007 .